

# Prefácio

Oi. Tudo bem com vocês? Espero que sim. E o mais importante, espero que estejam prontas e prontos para uma jornada incrível de muitas descobertas e prazer, é claro.

Me chamo Nina P. e vou compartilhar algumas das minhas experiências reais, e também imaginárias. Algumas são histórias tão reais e quentes como um membro masculino rijo e latejante. Outras, não posso dizer que inventei, mas de alguma forma apenas aumentei.

Então vamos lá. Neste primeiro e-book vou contar como tudo começou .

Venham comigo e se deleitem nesta série **“Histórias para ler antes de dormir: sozinha ou acompanhada”**.

## O Despertar

Meu nome é, bem, podem me chamar de Nina Pink. Perdi minha virgindade quando eu tinha 21 anos. Isso mesmo, já tinha 21 anos e ainda era quase completamente virgem e inexperiente quando o assunto era sexo.

Vou explicar melhor. Digo que era quase completamente virgem pelo seguinte. Usando o jargão masculino, ninguém tinha “metido” em mim. Em nenhum dos meus buraquinhos. Até então, só alguns amassos mais quentes. Um boquete rápido e recebido uma única “lambinda”. Nem chupada foi.

O auge foi o dia que recebi leitinho nos peitos numa dessas tentativas de boquete no João. Meu namoradinho da época desde o ensino médio.

Joãozinho era muito lerdo e nem mesmo tentava algo a mais. Sempre parava no meu primeiro “não”. Que na verdade queria dizer "sim". Ele nem imagina, mas eu teria liberado minha pepequinha muitas vezes se ele realmente tivesse sido só um pouquinho mais ousado e agido como macho alfa. Mas o fato de ser sempre muito respeitador e nunca querer avançar o sinal, fez com que eu chegasse aos 21 anos ainda virgem.

O mais incrível, é que até então, por mais tesão que eu sentisse em alguns momento, não vi o tempo passar. Joãozinho me respeitava, e eu aceitava. E o tempo foi passando.

Bastava tocar uma siririca quando o tesão tava muito forte, e tudo voltava ao normal. Nem um vibrador eu tinha em casa, e não sentia falta. Talvez tenha sido pelo ritmo intenso da minha vida até então e pela formação religiosa dos meus pais.

Primeiro o ensino médio que fiz integralmente com bolsa. A pressão sempre foi grande para tirar boas notas e não decepcionar meus Pais e a escola que permitia estudar de graça. Depois veio a faculdade, TCC, estágio. Levantava de madrugada, pegava duas conduções para o trabalho, mais duas para a faculdade e mais uma para casa. Não raro só voltava para a cama depois da meia noite.

E nos finais de semana, tentava conciliar estudo, namoro só com beijinhos, família, e claro, muitas horas de sono para tirar o atraso da semana.

João, ou Joãozinho como todos o chamavam, era muito carinhoso e um cara super legal para ter como amigo. Mas não era um namorado que as meninas gostariam de ter ao seu lado. Não aquelas meninas que gostam de pegada. É um cara educado. Aquele que abre a porta do carro para as mulheres entrarem. Dá presentes. E sempre está à disposição para fazer suas vontades. Mas não tinha pegada. Para mim foi o namorado perfeito para aquela vida agitada que levava. Além de dar tudo, não cobrava nada em troca.

Nas poucas vezes que tivemos oportunidade de ficarmos sozinhos, até tentamos seguir adiante com nossos amassos. Mas sempre por minha própria iniciativa.

A primeira e única vez que fiz um boquete nele e também ofereci minha pepequinha para ele chupar, eu estava num tesão do tamanho de um trem. Queria mesmo que ele me pegasse de jeito e me arregassasse toda. O que ele pedisse naquele dia eu teria deixado fazer. Sem exceção. Mas, ele educado que era, timidamente deu umas duas lambidinhas na minha pepequinha, e nem o dedo tentou introduzir.

Com tesão ele estava, isso eu sei, pois em poucos segundinhos fazendo um boquete nele, gozou nos meus meus peitos. Foi muito bom mas pouco. Só que em vez de curtir o momento de forma sacana, envergonhado por ter me "sujado" saiu correndo em busca de um pacote de lenço umedecido para me limpar. O tesão acabou na mesma hora. Foi broxante.

Na segunda e última vez que tentei ir além dos amassos, foi pior ainda. Sozinha em casa, preparei todo um ambiente propício. Uma jantinha leve regada a vinho e embalada com um som bem sensual. Um vestidinho de malha sem sutiã e calcinha. Tudo pronto para ser uma noite de arromba.

Depois da janta quando me ofereci como sobremesa, ele arregalou os olhos e travou. Até hoje não sei o que aconteceu: se ele não gostava de mim, se foi por inexperiência ou por não gostar de mulher. Mas a verdade é que ele ficou completamente imobilizado.

Para não perder o clima, ou melhor, para tentar criar um clima, me ajoelhei na sua frente e abaixei sua calça até os pés. Peguei aquele pauzão grande mas ainda mole e para estimulá-lo soltei as alças do meu vestidinho deixando ele cair aos meus pés. Revelando assim todo meu corpo nu.

Não sei o que aconteceu, mas ele pediu desculpas e saiu correndo da minha casa como se tivesse visto uma assombração. Sozinha, nua e sentada no meio da sala, não tive outra alternativa se não me tocar até gozar loucamente com o auxílio dos meus dedos. Queria mesmo uma boa pica para tirar minha virgindade, mas sobrou só meus dedos e um tesão incontrolável.

Naquela noite, depois de gozar com uma siririca, nua em frente ao espelho passei a me observar melhor. Será que meu corpo era feio? Não, isso não era verdade.

Meus cabelos são longos, castanhos claros e vão até o meio das minhas costas. Sempre muito bem cuidados, macios e cheirosos. Minha boca delicada e com lábios carnudos, constantemente são motivos de cantadas. Meus olhos verdes e minha face redondinha, completam esse conjunto.

Sei que muitos homens gostam de seios grandes, o que não é o meu caso. Mas sou muito bem resolvida com os meus, não quero maiores. Do tamanho de duas peras grandes, são redondinhos, durinhos, e meus mamilos bem desenhados e rosadinhos, são lindos quando entumecidos.

Minha barriguinha não é chapada, não sou rato de academia. Ao mesmo tempo que também não é descuidada. É lisinha e muito bonita, pelo menos eu acho.

Minha bunda redondinha, tamanho médio é bem gostosa. E claro, minha pepequinha que só o Joãozinho tinha visto até então, é a parte mais linda do meu corpo. Toda rosinha e sempre bem depiladinha, com os grandes e pequenos lábios bem desenhados, até parecem uma obra de arte.

Gostosa eu sou e tenho consciência disso. Então o problema não era comigo, e sim com ele. Disso eu tenho certeza.

Enquanto me examinava cuidadosamente em frente ao espelho e despretensiosamente me tocava, um tesão ainda maior voltou a abrasar meu corpo. Meus poros voltaram a transpirar sem parar. Até minha pepequinha passou a verter seu melzinho de pré-goço. Eu estava novamente molhadinha.

Se em 21 anos nunca tivera necessidade de transar loucamente, naquele dia eu não conseguia mais me controlar. É como se algo despertasse minha loba interior e sua fome precisasse ser saciada. E nem um vibrador e muito menos um pau eu tinha à minha disposição naquela noite.

Fui para o banho com a intenção de me refrescar e baixar minha adrenalina. Não resolveu. O toque da água gelada sobre minha pele quente me proporcionou arrepios que se converteram em tesão. E meus dedos quando voltaram a tocar meu clitóris grande e inchado, me tirou completamente do meu estado de consciência normal.

Aquela noite foi de arromba mesmo. Não com o meu Joãozinho como tinha planejado originalmente, mas com meus dedos. No chuveiro, me toquei com tanta violência que só

parei depois de gozar duas vezes e perder completamente a força nas minhas mãos e pernas. Fui para a cama, e um pouco recuperada, mais um gozo foi necessário para me aliviar e permitir dormir muito mal naquela noite.

No outro dia, Joãozinho até tentou me ligar mas não me dei nem ao trabalho de atendê-lo. Onde que já se viu. Negar uma mulher e ainda sair correndo sem nenhuma explicação? E o pior, deixar uma garota nua e cheia de amor para dar sem pode dar uma boa gozada num pau gostoso? Isso foi a gota d'água que faltava para terminar nosso relacionamento.

Putá da vida. Virgem. Cheia de tesão. Minha loba interna acordada e faminta por sexo. E para completar, estava desempregada, pois meu estágio acabou automaticamente quando terminei a faculdade.

Minha cabeça de uma hora para outra virou de pernas para o ar. Havia cansado de ser aquela menininha certinha. Virginal e amorosa. Aquela noite mexeu comigo de tal forma que não conseguia mais parar de pensar em sexo. Precisava me controlar para não ir ao banheiro me masturbar a cada cinco minutos. Já estava literalmente ficando "esfolada".

Precisava dar uma guinada na minha vida. Conduzi-la para outros caminhos. Conhecer novos ares. Outras pessoas. E claro, muitos homens e quem sabe mulheres também. E o momento era aquele mesmo. Com 21 anos, virgem e desempregada, não tinha nada a perder. Ia me dar umas férias.

## A Fazenda

Sem dar mais explicações para ninguém, avisei meus Pais que precisava descansar e iria passar um tempo na casa de minha avó no interior de Minas Gerais. E antes que pudesse mudar de ideia, embarquei no primeiro ônibus e fui para lá.

Chegando perto da fazenda, comecei a me arrepender da decisão. Perdi o sinal do celular e lembrei que por consequência também ficaria sem internet. Quanto muito alguns canais de TV parabólica. O que me acalentava era lembrar da grande biblioteca da minha avó, isso seria tudo que eu teria na fazenda. E claro, muito verde, cachoeiras, passarinhos e por sorte, um peão que topasse me domar.

- Bença Vó. Tudo bem? - falei assim que o Táxi parou na frente da sua casa.
- Bem vinda minha filha. Que bom que lembrou dessa velha aqui.
- Eu sempre lembro da senhora, mas é que os afazeres do dia a dia tomam todo nosso tempo. Mas agora, terminei meu curso e também meu estágio, então tenho um tempo só para mim. Estou de férias
- Que bom que lembrou de vir para cá. Você irá gostar muito da sua estadia. Só espero que não seja igual a visita de médico.
- Não Vó. Vou ficar mais tempo. Não sei quanto, mas pelo menos alguns dias.

- Essa notícia me deixa muito contente. Mas agora vamos deixar de papo. Venha pra cozinha para lanchar porque você deve estar muito cansada da viagem.

Comida de vó não tem comparação. Broa de milho, doce de abóbora, pão de queijo, e mais um monte de coisas gostosas. Claro, tudo isso acompanhado por um café passado na hora.

Lanchamos e ficamos conversando até perto das nove horas da quando resolvi ir dormir. Queria acordar cedo no outro dia para andar pela fazenda, explorar as cachoeiras e curtir o verde. Embora eu ainda hoje seja uma mulher de hábitos noturnos, não foi difícil adormecer cedo devido ao cansaço da viagem.

Não sei como, mas não eram nem sete horas da manhã e eu já estava na cozinha tomando café. Talvez a combinação dos galos cantando no terreiro, o sol batendo na janela e o cheiro de café fresco, tenham me despertado assim tão cedo.

Depois de um café delicioso e demorado, estava me sentindo outra pessoa. Estava tão revigorada que queria mesmo sair correndo pelos campos sem destino e sem hora para voltar.

Vesti uma saia leve, uma calcinha confortável de algodão, uma camiseta de malha, e calçando apenas uma sandália, sai sem rumo. Ou melhor, com um destino certo. Alguma das cachoeiras da fazenda.

Embora fosse cedo ainda, o sol aquecia os campos, e com certeza um banho de água gelada seria muito revigorante. Mais duas passadas, acabei correndo descalça pela relva que ainda conservava um pouco do orvalho da noite anterior.

Fazia muito tempo que não vinha mais para a fazenda, mas ainda lembrava vagamente das trilhas e caminhos possíveis. Mesmo em dúvida, me embrenhei pela mata seguindo as marcações ainda existentes, e depois de quase uma hora de caminhada e apreciação da natureza, enfim um paraíso se abriu à minha frente.

Em meio a uma clareira na mata, surgia uma queda d'água de mais ou menos uns 2 metros de altura. Era de uma beleza incrível. A água vinha escorrendo sobre pedras maciças e se escondia em fendas nelas escavadas ao longo de milhares de anos, até que novamente vertia já próximo da queda e ali deslizava como se formando um "véu". Logo abaixo, um pequeno "poço" se formava, mas com não mais do que um metro e meio de profundidade, e então, continuava seu curso natural até a próxima cachoeira há alguns quilômetros abaixo. Na margem um grande banco de areia se formava quando o volume de água era pequeno, como nessa época do ano.

Graças a pureza do ambiente, associado com o pouco volume de chuva dos últimos dias e da pequena queda, a água era tão cristalina que mesmo nos lugares mais fundos era possível ver claramente as pedrinhas do fundo do rio.

Sedenta após a longa caminhada, feito um animal, fiquei de quatro na margem direita e bebi uns bons goles daquele líquido límpido e cristalino. Com a sede saciada, voltei a me sentar

sobre o banco de areia e fiquei ali por alguns instantes apreciando aquele lugar que até parecia cenário de filme.

Levantei e me pus a caminhar sobre as pedras acima da queda. Parecia que tinha voltado no tempo. Me sentia uma menininha de 10 anos que escalava aquelas pedras que mais pareciam um paredão intransponível na época. Que delícia. O mundo parou e não pensava mais em nada.

Sozinha naquele lugar ermo, sem precisar me preocupar com nada, olhei para aquele sol lindo e quente do início da manhã e depois para a minha pele branquinha. De fato eu estava precisando tomar um sol. Quem me dera tivesse trazido um biquíni.

Mas espera, pensei, biquíni pra que? Naquele lugar não precisava de biquíni nem nada. Se ficasse de calcinha e sutiã, quem iria ver? Talvez os passarinhos?

Ainda meio envergonhada, não sei porque, tirei minha camiseta e minha saia, estendi elas sobre as rochas e me deitei sobre elas. Mas por que ficar de sutiã e calcinha? Já que estava sozinha mesmo? Por fim, tomei a coragem necessária e me despi completamente. Essa era a oportunidade perfeita para me bronzear por inteiro. Todas as curvinhas do meu corpo seriam beneficiadas com vitamina D.

Minha pepequinha estava totalmente depilada com resquícios da surpresa que tentei fazer para o Joãozinho. E com a radiação solar tocando nela pela primeira vez na vida, foi gerando um calorzinho localizado que sem querer tomou meu corpo com um tesão incrível.

Estava na fazenda para relaxar e esquecer da vida. Então, que mal teria relaxar do melhor jeito possível? Mas mesmo assim, tentei me controlar. Tentei, mas não consegui.

Levantei e resolvi pular na água para tentar me refrescar e aliviar meu tesão. Mas como disse, o efeito foi outro. Pois, ao pular e sentir aquele líquido gelado abraçando minhas pernas e minha vulva, contrastando com o calor do banho de sol, a vontade de gozar foi às alturas.

Não teve outro jeito senão me aliviar ali mesmo. Me recostei debaixo da queda de forma bem confortável e firme, abri mais as pernas e levei minha mão até meu foco do prazer.

Se masturbar debaixo de uma cachoeira com a sua pepequinha toda envolvida em um banho de água cristalina e gelada é incrível e viciante. Bastou fechar os olhos e, enquanto uma mão acariciava os biquinhos dos meus seios, a outra foi direto para o meio das minhas pernas e começou movimento ritmado sobre meu botãozinho do prazer. Uma, duas, três esfregadas e minhas pernas fraquejaram ao mesmo tempo que explodi num delicioso gozo. Cai de joelhos ficando só com a cabeça para fora naquele pequeno lago formado abaixo da cachoeira.

Mesmo que rápido, foi tão intenso que precisei de alguns minutos para me recuperar e poder me movimentar e até ensaiar um pequeno nado relaxante. Com o corpo mole e de alma e pepeca lavada, voltei ao meu ponto inicial para me secar ao sol, enquanto aproveitava para me bronzear mais um pouco.

Deitada de costas, e com os joelhos levemente flexionados e de pernas bem abertas para esfriar minha pepequinha virgem, tive a impressão de estar sendo observada. Mas por quem? Devia ser coisa da minha cabeça e do meu corpo que está sedento por uma boa pegada.

Imóvel e de olhos fechados fiquei nessa posição por mais um bom tempo, até perceber que era hora de retornar para casa, pois se aproximava a hora do almoço.

Tornei a me vestir, calcei as sandálias e alegre e saltitante voltei para a sede da fazenda.

- Oi menina, por onde andava? - vovó perguntou.
- Por aí, fui visitar uma cachoeira e me refrescar. - respondi.
- Não é uma boa ideia ir sozinha, pois os peões têm visto rastros de onça por estas bandas. Pode ser perigoso.
- Não se preocupe não vó.
- Me preocupo sim. E por falar nisso, o Leôncio não te achou? Mandei ele atrás de você.
- Quem? Leôncio? Quem é ele?
- Ah, não te apresentei ainda, mas é um dos funcionários aqui da fazenda. Mas agora deixa de molequice, se lave e entre que o almoço já está servido.

Feliz da vida, e com muita fome, em poucos minutos estava sentada à mesa me fartando com tutu de feijão, acompanhado de couve e costelinha de porco frita. Receitas que somente a vovó sabe fazer como ninguém.

Enquanto me empanturrava e conversava amenidades com vovó, fiquei imaginando quem seria esse Leôncio. Será que ele foi até onde eu estava e ficou me espiando nua? Ao pensar nessa possibilidade senti um frio na espinha, primeiro de vergonha e depois de tesão. Molhei a calcinha na hora.

Será que ele era um daqueles jovens gostosos que pulam no lombo de uma potranca e só saem de cima dela depois de domada? Se fosse um desses queria ser domada ainda hoje. Mas se ele fosse um daqueles funcionários com seus 60, 70 anos? Ai ai. Nada contra, mas eles não fazem meu estilo.

Depois de um rodeio enorme para vovó não desconfiar, voltei a tocar no assunto e tentar investigar mais sobre esse tal de Leôncio.

- Vovó, quem é esse tal de Leôncio que a senhora comentou mais cedo?
- Ah, sim, vou te apresentar ele mais tarde. Talvez você lembre dele ainda, pois vocês brincavam juntos quando eram crianças. Ele é o filho mais velho do seu Chico.

Seu chico não tinha mais que 40 a 45 anos. E mesmo sendo o filho mais velho dele, Leôncio não poderia ter mais que 20 a 25 anos. Menos mal, pelo menos era da minha idade ou próximo. Agora, será que era gostoso também? Tinha pegada? Será que não é casado ou tem namorada?



Quando dizem que vó e mãe sabem de tudo a gente não acredita. Mas é isso mesmo. Pensando em como obter essas informações, vovó continuou:

- Minha filha, você vai gostar do Leôncio. É um menino muito bom. Trabalhador, dedicado e estudioso. Acabou de se formar Técnico em Agropecuária. De tão trabalhador que é esse menino, nunca vi ele namorar.
- Então tá. Mais tarde a senhora me apresenta ele então. - tentei disfarçar minha empolgação e continuei almoçando.

Depois do almoço, enquanto ajudava a recolher da mesa e lavar a louça, vi pela janela da cozinha um jovem se aproximando da casa montado em um belo cavalo branco. Alto, musculoso, cabelo escuro, e pele morena. Não pude deixar de notar também suas mãos grandes e fortes e seus lábios carnudos.

- Oi Leôncio, essa é a minha neta Nina. Você se lembra dela? Brincavam juntos quando eram crianças.
- Ah sim Dona Juliana. Lembro sim. - o jovem respondeu sem tirar os olhos de mim. Parecia que estava me desnudando com os olhos.
- Hoje pela manhã você não chegou a encontrar ela? Será que foi na direção certa?
- Infelizmente acho que devo ter ido por outro caminho. Mas se a jovem desejar, na próxima vez posso ir com ela para protegê-la contra os animais que vivem nesta mata. - falou essas palavras sem tirar o olho do meio das minhas pernas.
- Não precisa não vovó, - intervi na conversa - sei me proteger sozinha. Mas se quiser saber onde estou para ficar mais seguro, vou novamente hoje a tarde naquela queda conhecida como “véu da virgem”. - sorri e enrubesci na hora. - Agora se me dão licença. - disfarcei e sai da cozinha, mais um segundo ali eu iria ficar toda melada denovo.

No meio da tarde, depois de uma cesta rápida e uma deliciosa sobremesa de abóbora, avisei a vovó e novamente me embrenhei na mata em direção àquele paraíso perdido. “Véu da virgem”, esse era o nome daquele lugar. Combinava comigo.

Agora que o Leôncio sabia exatamente onde eu estava, não poderia mais dizer que não me achou. E nessa altura do campeonato, para ser sincera, também estava querendo ser “achada” por ele. E bem achada.

Chegando à beira do riacho, desta vez não me fiz nem um pouco envergonhada e moça tímida. Afinal de contas, eu estava ali sozinha e fora os olhares mundanos, e o máximo que poderia acontecer, era ser surpreendida pelo gostoso do Leôncio. E nessa altura, sinceramente, é o que eu mais desejava e até precisava.

Me desnudei e aproveitando o calor da tarde, mergulhei naquela água gelada e cristalina. Me sentir envolta por aquele líquido mágico novamente acordou minha sede por prazer. Eu estava de fato ficando desesperada.



Sentir a calcinha apertando minha pepequinha fazia eu tremer de tesão. Sentir o calor do sol sobre ela, também a fazia derreter de vontade. A água gelada então, que devia fazê-la se aquietar, estava acordando-a com mais vigor ainda.

O tesão foi me dominando e fui perdendo o controle sobre meu corpo. Desta vez deitei na margem com o corpo meio mergulhado e só a cabeça para fora d'água. Meus seios ficaram parte imersos e parte para fora, o que permitia sentir neles todo o ondular vindo da cachoeira.

Novamente fechei meus olhos e enquanto imaginava o Leôncio chegando e me possuindo com garra, comecei a esfregar meus dedos sobre o meu botãozinho do prazer e alternadamente, enfiá-lo freneticamente dentro da minha pepequinha.

O gozo desta vez também veio intenso e delicioso, mas demorou muito mais. Ao final, minha pepequinha ardia de tesão e devido a fricção dos meus dedos, minha mão acabou formigando de cansada.

Eu precisava transar o quanto antes, não estava mais aguentando tanto tesão recolhido. Ficar só na siririca não era mais o suficiente e a cada nova gozada, em vez de me acalmar só me ascendia mais ainda.

Nua e exausta, de olhos fechados e com o corpo ainda mergulhado na água gelada à beira do riacho, novamente tive a impressão de estar sendo observada e de ter ouvido barulhos no caminho da mata que trazia até ali. Olhei, mas nada vi.

Na dúvida, levantei, me lavei e ainda nua, fiquei ao sol me secando e observando o que poderia ser a origem daqueles “barulhos” estranhos.

O sol aos poucos começou a se esconder atrás das montanhas longínquas, então, era hora de retornar para casa enquanto ainda fosse dia.

Adentrei pelo caminho de retorno pela mata, e logo avistei um vulto ao longe. Assustada, parei e imobilizada fiquei até identificar que na verdade era Leôncio que se aproximava seguido pelo seu cavalo branco.

- Leôncio? O que faz por aqui?
- Vim te resgatar dos perigos da floresta. - respondeu rindo
- E se eu disser que sou a “chapeuzinho vermelho” que está andando sozinha na mata propositalmente para o lobo mal vir me comer.
- Neste caso não faltará lobos interessados.
- Infelizmente está faltando sim. Acho que estou andando pelas florestas erradas.
- Ou os lobos das florestas que você andou até agora, preferiam as vovozinhas. Mas tome cuidado que aqui pode ser diferente. Podem ser muito mais ferozes.
- Tomara que sejam. E se forem mesmo, amanhã estarei logo ali entregue de bandeja para virem me degustar. - finalizei com uma gargalhada

Parece que Leônio ficou meio sem jeito, pois não conseguiu mais responder a minha provocação. E assim, caminhamos em silêncio por mais alguns minutos até que novamente resolvi provocar um pouco mais.

- Que cavalo mais lindo. Parece igualzinho aos contos de fadas.
- É? Mesmo?
- Sim, é em um cavalo branco que um príncipe lindo e forte sempre aparece para salvar a princesa. Assim como você acabou de fazer.
- Hum.. - foi só o que ele conseguiu responder
- Que tal irmos cavalgando para casa em vez de caminhar?
- Ah, sim. Claro, é uma boa ideia.

Leônio me ajudou a montar na sela do cavalo, e eu louca de tesão, não perdi a chance de mostrar “ingenuamente” minha calcinha e deixar que ele passasse as mãos na minha coxa.

- E você Leônio não vai montar também? Será que ele não aguenta?
- Se aguenta? Aguenta isso e muito mais.
- E então?
- É que não sei se devo. A sela pode ficar apertada para nós dois.
- Hummm. Que delícia. É por isso mesmo que você deve montar, assim me sentirei mais firme e segura sobre esse lindo animal.

Meio sem jeito e com motivo, ele também montou e inevitavelmente me encoxou de jeito. Mesmo com a calça jeans que vestia dava para sentir o quanto estava duro o animal que gostaria que viesse me comer. Ele ficou envergonhado, mas não fez nada para afastar minha bunda que insistia em roçar aquele volume destacado em sua calça.

O galope do animal fazia minha pepequinha friccionar contra a sela e minha bunda contra seu pau duro. Que tesão que estava me dando. Já tinha me masturbado duas vezes naquele dia, estava dolorida e sensível, mas queria mais. Muito mais.

Infelizmente em poucos minutos estávamos chegando na sede da fazenda, e nem tempo tive para tentar sugerir um passeio mais longo. Tão logo entramos no estábulo, ele pulou de cima do animal e fez de tudo para não me encarar. Estava envergonhado ou louco de tesão. Acho que a segunda opção.

- Ah que pena que já chegamos. Queria aproveitar o final de tarde para dar umas voltas a mais.
- Hoje não posso. Quem sabe amanhã.
- Tá bom.

Desmontei com cara de brava, mas mesmo assim fiz questão que visse novamente minha calcinha e tocasse minha bunda com suas mãos. E que mãos grandes e fortes.

Segunda noite na fazenda e em vez da minha pepequinha aquietar, estava ainda mais atiçada. Tomei um banho demorado, jantei, conversei um pouco com a vovó e logo fui pra cama.

Louca de tesão e ainda lembrando do cheiro daquele peão e do toque firme das suas mãos, só consegui dormir depois de mais uma vez, a terceira do dia, me masturbar loucamente.

## Minha primeira vez

Na manhã seguinte acabei acordando mais tarde, visto que tive uma noite agitada cheia de sonhos. Neles, eu estava nua tomando um banho de rio quando meu príncipe chegava montado em um cavalo branco e sem falar nenhuma palavra, se aproximava e me possuía.

Tomei meu café reforçado, novamente coloquei um vestidinho bem leve e ainda mais curto, vesti a calcinha mais pequena que havia trazido, e dispensei o sutiã. Avisei a vovó que iria novamente sair para aproveitar o verde e que se ela encontrasse Leôncio, era para avisar a ele que ele poderia ir ao meu encontro. Assim me sentiria mais segura.

Dito isso, saí saltitante feito uma biruta olhando para todos os lados para tentar localizar meu príncipe. Mas nada.

Resolvi novamente ir para a cachoeira chamada de “véu da virgem”, mas minha vontade era mesmo ir para outra chamada “fenda da casada”. Só agora com 21 anos e sem a ingenuidade de uma criança, conseguia entender aqueles nomes. E associá-los àquelas quedas d’água.

Véu da virgem era uma queda pequena, de água geladas e cristalinas. E a formação rochosa que dava origem a ela era tudo muito liso, delicado, pequeno.

Já na outra, vulgarmente apelidada de “fenda da casada”, a queda era mais intensa, mais alta e forte. E a queda iniciava no alto da cachoeira escorrendo por uma fenda larga e profunda. A qual lembrava muito bem uma vulva arregaçada. Uma era pequena e delicada, como uma virgem. A outra, violenta e larga, como uma vulva grande.

Já acostumada com o ambiente, me desnudei e caí na água gelada para me refrescar e também tentar controlar meu tesão. Decidi que não iria me masturbar naquele dia, queria mesmo era gozar de outra forma.

Depois de me refrescar, voltei a deitar nua sobre as pedras a fim de me bronzear. Com os joelhos levemente flexionados e as pernas abertas, minha intenção era que minha xaninha pegasse um solzinho também.

Perdida em meus devaneios e de olhos fechados, acabei levando um susto quando ouvi passos próximos e senti uma sombra sobre mim. Inicialmente assustada, e depois excitada, vi que era o peão Leôncio que estava ali parado bem na minha frente.

- Sua potranca. O que você quer de mim? - falou bruto
- Que você me trate como uma égua seu garanhão. Que me faça mulher.

- Não me provoque menina. Você está mexendo com um animal feroz que não vai saber se controlar depois.
- Mas é exatamente isso que eu preciso. Que não se controle. Se era para ter alguém controlado e que saísse antes de começar, teria ficado na cidade com o Joãozinho.
- Que você quer dizer com isso mulher?
- Exatamente o que você ouviu. Que ainda não sou mulher e que quero um macho alfa que me faça virar mulher.

Assustado e sem entender, não dei tempo para que ele refletisse muito. De joelho em frente daquele animal quase descontrolado, abri a fivela do cinto, soltei o botão da calça jeans, e num só golpe trouxe a calça e cueca até os pés.

No mesmo instante surgiu meu maior objeto de desejo na hora. Não era tão longo, mas sim, bem grosso.

- Que é isso menina. Não passe do ponto sem retorno.
- E quem disse que eu quero que retorne? Só preciso que avance. Só isso.

Com as duas mãos agarrei e levei minha boca em sua direção. Tão logo toquei sua cabeça com meus lábios, Leôncio soltou um suspiro e relaxou. Tinha um gosto de suado, mas estava perfumado. Sim, ele havia se preparado e vindo me encontrar ciente do que poderia acontecer.

Com minha língua, circulei toda glândula antes de começar a engolir aquele mastro pulsante. Que delícia. Eu tinha pouca experiência prática, mas muita teoria que adquiri assistindo vídeos de sacanagem. Leôncio gemia baixinho enquanto se livrava do restante das suas roupas.

O meu tesão estava nas nuvens, mas o dele parecia ainda mais incontrolável. Começou a socar na minha boca de uma forma tão alucinada que fui obrigada a dar um break, ou ele iria gozar ali mesmo e mais uma vez eu iria ficar na mão. Literalmente na mão.

Com os dois completamente nus, parei de sugá-lo, novamente deitei de pernas abertas e convidei para que ele viesse me satisfazer. Afinal de contas, era eu quem queria gozar loucamente e pouco estava me importando com ele.

Eu estava sendo egoísta? Sim, estava. Com 21 anos de tesão acumulado, desejo a flor da pele, e todas as noites tendo sonhos cada vez mais perturbadores, precisava loucamente gozar e me saciar. E simplesmente fazer uma siririca não resolvia mais.

Antes mesmo dele começar tive que intervir mais uma vez, e mostrar o que deveria fazer. Eu não tinha experiência prática, mas tinha teoria e sabia o que queria. Ele, que pelo menos demonstrava gostar da fruta, precisava aprender muita coisa. Pelo menos parecia.

Digo isso pelo seguinte. Tão logo deitei de pernas abertas e o convidei para vir me satisfazer, ele já chegou tentando entrar com tudo. Nada de preliminar. Chegou como se fosse um touro cobrindo uma vaca. Um garanhão que iria comer uma égua.

Certamente na fazenda ou nos puteiros que eles frequentam é assim, mas estava longe do que eu queria. Então como uma boa e paciente professora, fui obrigada a colocar um freio no ímpeto dele e começar a guiá-lo pelo caminho certo. Pedi para que ele me chupasse antes de qualquer coisa.

Leôncio começou me lambendo como se fosse um terneiro babão, e aos poucos com minhas instruções, foi aprendendo e aprimorando suas lambidas para movimentos mais ritmados e alternados com chupões gostosos no meu botãozinho mágico.

Instintivamente ele chegou com seu dedo médio e veio com tudo. Neste momento mais uma vez fui obrigada a intervir e pedir calma. Ele aprendia rápido e eu estava cada vez gostando mais, mas não ia perder a virgindade com uma dedada.

Enquanto gemia e me contorcia, tentei explicar que ainda era menininha e queria que fosse especial, não assim brutalizada.

Quando falei isso, ele parou, tirou a cabeça do meio das minhas pernas e me olhou com uma expressão indecifrável.

- Você está dizendo que é, quero dizer, que nunca fez?
- Sim, isso mesmo, sou virgem ainda.
- Mas não foi isso que pensei, do jeito que você.....me pareceu outra coisa.
- Parecia o que? Uma galinha safada?
- É, sim. Quer dizer..hum... - ele se perdeu, e fui obrigada a intervir antes que falasse mais alguma besteira.
- Será que uma garota com 21 anos, ainda virgem, recusada pelo ex-namorado, cheia de tesão recolhido, não tem o direito de também transar e gozar loucamente? Ainda mais com um cara lindo e gostoso?
- Tem sim, claro que sim.

Ele fechou os olhos por alguns instantes, suspirou longamente umas três vezes, e quando eu achei que ele também ia querer desistir, disparou:

- Me desculpa. Eu não poderia imaginar.
- Eu sei, tudo bem. Eu que peço desculpas. - e já fui levantando para ir embora.
- Espera? Vai aonde? Podemos começar tudo de novo, mas agora do jeito certo?
- Ahn?

Leôncio nem se deu ao trabalho de responder e veio novamente em minha direção. Só que agora, muito mais controlado. E antes mesmo que eu pudesse me dar conta do que ele queria, colou seu corpo ao meu e grudou seus lábios aos meus de forma lenta e carinhosa.

Com suas mãos grandes e fortes apertou minha bunda e costas e pressionou meu corpo nu contra o seu com muita intensidade. Seu membro duro pressionava meu ventre ao mesmo tempo que sua língua passava a percorrer meu pescoço e orelha.

Aí foi minha vez de perder os sentidos e tentar avançar feito uma leoa sobre sua presa. Sentir um corpo forte, com cheiro de homem colado ao meu, e aquelas mãos grandes e

fortes percorrendo todo meu corpo sem esquecer minha bunda, é claro, fez com que meu tesão chegasse a um nível inimaginável.

- Calma, garota, agora sou eu quem não está com pressa.
- Aí...- foi o máximo que consegui falar.

O calor dos hormônios e o sol que aquela altura já começava a queimar, deixava nossos corpos banhados em suor.

Ele então, pegou minha mão e me puxou para uma sombra sob a queda d'água do "véu da virgem". O fogo dos nossos corpos era tão forte que nem mesmo a água gelada e cristalina conseguia nos acalmar. Continuávamos suando loucamente de tesão.

Sem pressa, Leôncio abandonou meus lábios e pescoço, e desceu até meus seios. Pequenos e firmes, um de cada vez foram engolidos inteirinhos pela sua boca gulosa. Meus biquinhos entumescidos foram sugados, lambidos, e até leves mordidas receberam.

Ao mesmo tempo, suas mãos continuavam a percorrer meu corpo, incluindo o interior das minhas coxas. Mas sem chegar até minha pepequinha. Essa ansiedade de quase chegar, mas não chegar, fazia meu tesão aumentar ainda mais. Mais e Mais.

Enfim, depois de muito me provocar, desceu até meu ventre e passou direto para minhas coxas sem novamente se deter na minha pepequinha.

Se antes ele chegou muito sedento ao pote, agora desviava dela propositalmente. Passei a implorar por mais, e para que não parasse. Mas ele não me deu ouvidos.

Me virou e me deitou de bruços sobre uma pedra grande. Com meus braços esticados para a frente, minhas costas e bunda para fora da água ficaram numa ótima posição para ele me possuir. Minhas pernas, 4 dedos abaixo da virilha, estavam mergulhadas na água.

Meu martírio continuou sem dó. Entre lambidas, massagens, e unhas arranhando minhas costas, so depois de muitos minutos senti seu bafo quente chegar próximo ao meu sexo.

Abriu ainda mais minhas pernas para então voltar a tocar minha vulva com seus lábios e língua. Parece que de uma hora para outra ele aprendeu como devia fazer.

Meu corpo nu de bruço sobre aquela grande pedra gelada, a água do lago formado logo após a cachoeira na altura das minhas coxas, e suas mãos e lábios hábeis tocando minha vulva e minha bundinha. O malandro sabia mesmo como fazer, só estava se pagando de grosseiro e desentendido no início.

Continuou assim me torturando por muito tempo. Quando estava quase chegando, ele parava e voltava em seguida. Um turbilhão de sensações tomou conta do meu corpo e quando estouraram num gozo único, foi como se um vulcão do tamanho do Vesúvio tivesse explodido de dentro de mim.

Aquele foi o gozo mais incrível e extasiante que eu tive até ali. Expert que era em masturbação com meus dedos, nunca nenhum outro orgasmo tinha causado tantas sensações assim no meu corpo. Se tudo acabasse naquele momento eu já estaria satisfeita. Mas ainda tinha mais, teria muito mais.

Leôncio voltou a me virar de frente para ele, fazendo com que eu me sentasse na borda da mesma pedra na qual estava deitada de bruços. Abriu bem minhas pernas, e se alojou entre elas ao mesmo tempo que voltava a beijar minha boca com muita volúpia.

Com a mão, guiou seu pênis para a entrada da minha pequinha e fez a cabeçona do seu mastro encaixar na entradinha ainda virgem e apertada, mas completamente pronta para recebê-lo.

Começou a forçar bem devagar. Assim que ele começou a entrar em mim e senti a barreira, ficou por alguns instantes ali na entradinha apenas me provocando. Hora pincelava o seu pau entre minha vulva, hora colocava-a a cabecinha até onde conseguia e retornava.

Com minhas pernas bem abertas e minha pequinha muito encharcada, ele foi fazendo essas brincadeiras. Até que num determinado momento sem avisar, ao encaixar seu bichão em mim, agarrou minha bunda com suas mãos fortes e meteu tudo até o fundo num só movimento. Eu estava muito lubrificada e isso com certeza facilitou a penetração inicial, mas não me poupou daquela dor característica do rompimento do hímem. E isso foi tudo tão derrepente e inesperado que nem tive tempo para me preparar.

Senti que alguma coisa se rasgava dentro de mim. Uma dor aguda que começou entre minhas pernas percorreu toda minha coluna até se desfazer em um grito de pavor e prazer em minha boca. Por sorte, Leôncio não deixou de me beijar nem por um instante sequer. Assim, meu berro não passou de um gemido abafado.

Assustada com a dor da perda da virgindade, mas feliz por ela, segurei seu corpo junto ao meu para que ficássemos imóveis enquanto me acostumava com o novo. Até que, ele gradativamente começou a movimentar seu pau dentro de mim.

Aquela dor e desconforto inicial deu lugar a uma sensação que ficava cada vez mais gostosa. Quando mais ele se movia naquele vai-e-vem clássico, mais e mais eu queria.

Quanto mais fortes e firmes passaram a ser suas investidas contra a minha pequinha, mais tesão e dor eu sentia. Tesão por estar sendo comida de verdade. Mas dor na minha bunda por estar sentada sobre uma pedra.

Mudamos de posição. Eu voltei a ficar de bruços sobre a rocha, mas com as pernas bem abertas e mergulhadas na água. Ele passou a me comer por trás. Metia na minha bucetinha com tanta força que chegava a movimentar meu corpo para frente.

Sem permissão, Leôncio até tentou bolinar minha bundinha ao mesmo tempo, mas para aquele dia eu já estava bem satisfeita com as novas sensações, e não queria misturar tudo. Um dia mais tarde, quem sabe, até poderia rolar. Mas não naquela primeira transa.



Aquele cara que no início parecia ser um completo inexperiente, e depois passou a um verdadeiro gentleman, estava novamente se transformando. Passou a incorporar um animal insaciável.

Ser comida de quatro é muito bom. Mas, considerando que era a primeira vez que recebia uma rola e minha pepequinha ainda estava ardida, começou a se tornar desconfortável com a violência das suas investidas. Mas Leôncio não estava afim de parar. Parecia alucinado. Estava alucinado. Sei lá, parecia comendo uma puta qualquer.

Ele só parou quando esporou pelo menos uns quatro jatos quentes bem no fundo da minha xaninha. Foi bom, muito bom na verdade. Mesmo que aquele final tenha sido bruto e quase doido. Eu esperava algo um pouco diferente. Mas foi bom.

Pelas minhas contas, entre o prazer e o desconforto daquela transa, o prazer estava um ponto à frente. Teria sido melhor se fosse um pouco mais carinhoso e me guiasse para um novo gozo com a penetração.

Esgotado, saiu de dentro de mim e junto com ele gotas do seu esperma misturados com sangue pingaram manchando aquela água cristalina. Só então me dei conta da burrada que tinha acabado de realizar.

Perder a virgindade estava nos meus planos há meses, talvez anos, mas dar para um quase desconhecido sem camisinha e deixar ele gozar dentro ainda. Isso já era loucura. Não dava para chorar pelo leite derramado. Estava feito. Mas foi loucura.

Passado o misto de dor, prazer e susto, quando me dei conta ele estava novamente me abraçando e me beijando.

- E ai gata. Foi bom para você? - Leôncio me questionou
- Ah, o que? Ah, sim, foi. - Se isso é pergunta que se faça depois de uma transa.

Lágrimas verteram dos meus olhos. Por tristeza ou felicidade? Não sei dizer. Mas consegui disfarçar da melhor maneira possível. Como é fácil enganar um homem. Desde sempre soube e treinei isso.

Ficamos assim abraçadinhos por um tempo para recuperar nossas energias. Leôncio se mostrou um verdadeiro macho alfa, tentou avançar sobre meu corpo mais uma vez. Eu até queria mais, mas estava com minha pepequinha toda ardida. Precisava me recuperar. Para a primeira vez já estava bom.

Macho alfa não, um bruto, acho que seria a expressão melhor. Mas mesmo assim, foi um tesão. Vou querer mais, mas não agora.

Me limpei na medida do possível, nos vestimos e voltamos para casa. O desconforto logo passou, mas o sentimento de ter sido tratada como uma puta permanecia. O que será que tinha acontecido com aquele rapaz carinhoso e atencioso enquanto me fazia gozar, e depois se transformar num bruto já na primeira estocada?

Ele me ofereceu seu cavalo para que eu viesse montada, e claro que aceitei. Mas o roçar da minha pepequinha ardida com a cela dava uma sensação estranha de tesão e desconforto ao mesmo tempo.

Sem trocar uma palavra sequer, chegamos em casa. Fui tomar um banho para me lavar melhor, almocei em silêncio, e à tarde resolvi ficar em casa mesmo descansando.

Terminados os afazeres da cozinha, fui ao meu quarto, deitei minha cabeça no travesseiro e logo adormeci.

A transa foi demais. Era o que eu queria e precisava. Foi quase como em um sonho em que o príncipe gostoso chega montado em um cavalo branco, tem uma pegada forte e me faria gozar. Foi assim, sim, mas eu esperava mais carinho durante a penetração. Que caralho, não parava de pensar nisso. Precisava esquecer essa percepção.

Com minha cabeça a mil, tive os sonhos mais estranhos possíveis. Tudo misturado. Uma hora estava gozando de prazer enquanto Leôncio me comia por trás sem dar trégua. Depois, estava chorando de tristeza por ter perdido a virgindade num rio dando feito puta. Acordei molhada de tesão e querendo mais pica, e foi bem na hora que novamente Leôncio deixava eu cavalgar loucamente no seu pauzão.

## Amor de Pica, onde bate Fica

Acordei assustada, novamente cheia de tesão, e pronta para dar novamente. Toda aquela ansiedade e angústia já tinham passado e eu queria loucamente encontrar o Leôncio novamente. Tinha certeza que seria diferente na próxima vez.

A casa estava em silêncio, pois a vovó devia estar tratando das coisas da fazenda. Me vesti só com um vestidinho leve e sem calcinha, fui até a cozinha beliscar um docinho. Dali, sai para caminhar sem rumo para ver se localizava meu deflorador. Queria ele de novo, loucamente queria ser possuída por ele mais uma vez. Duas. Três, sei lá, foda-se quantas fezes. Muitas com certeza.

Passei pelo estábulo, ao redor da casa grande, roças próximas, invernadas, e nada dele. Havia evaporado. Até pensei em voltar para a cachoeira achando que ele estivesse por lá me procurando, mas estava ficando tarde.

Voltei para casa meio tristonha, fui até o escritório da vovó e peguei um livro aleatório. Para quem acredita dirá que foi destino, pois acabei com o livro Lolita de Vladimir Nabokov. Onde num trama apimentado não dá para saber quem é a caça ou o caçador. Aquela ninfeta adolescente se envolveu em coisas que eu só fui sentir com meus 21 anos bem completos.

Um pouco antes do anoitecer vovó retornou para casa, lanchamos, e eu fui para o quarto para terminar a leitura daquele clássico.

Completamente envolvida pelo trama, até levei um susto quando vovó novamente bateu à minha porta me chamando para jantar. Parece que ela adivinhou que naquela noite precisava só de uma canja de galinha mesmo.

- O que foi querida. Está tudo bem? - ela perguntou enquanto eu olhava fixa para o prato
- Ah? O que? - respondi assustada. - Tá sim. Desculpa. Eu estava meio perdida nos pensamentos.
- E que pensamentos são esses? Essa velha aqui pode saber?
- Não é nada não. Só sobre a vida.
- Só isso mesmo? Será que não é alguém que você deixou na capital que está mexendo com sua cabeça?
- Antes fosse. Não deixei ninguém lá. Pelo menos acho que não.
- E aquele tal de Joãozinho, não pensa mais nele?
- Até penso vovó. Até penso. Mas acho que com ele é só amizade mesmo. Um bom amigo, mas isso vou decidir quando retornar para casa.
- Espero que esse retorno não seja em breve, estou adorando ter companhia aqui.
- Ainda não sei. Talvez mais uns dias, ou algumas semanas. Vamos ver.
- Que bom minha filha. Então coma antes que esfrie.

Terminamos de jantar praticamente em silêncio. Minha cabeça continuava em redemoinhos. Hora lembrando do tesão de gozar com alguém te chupando de verdade. Depois de como Leôncio foi um bruto durante a transa. E ainda, a expectativa pela história que estava lendo.

- Vovó, se me der licença vou voltar para o quarto terminar um livro que comecei hoje a tarde.
- E qual é?

Envergonhada, não sabia o que responder. Mas porque? Já era uma mulher adulta e não tinha nada para esconder.

- Lolita. - falei quase sussurrando.
- Ótimo livro. Só não fique lendo até muito tarde.
- Pode deixar. Boa noite vovó.
- Boa noite minha filha.

Voltei para o quarto, caí na cama e voltei para a leitura. Lendo compulsivamente, ouvi vovó fechando tudo e indo pro seu quarto no segundo andar. O silêncio da noite só era quebrado pela minha respiração, e eventualmente, pelo som dos grilos ao redor da casa.

De repente, escuto um barulho na janela. Parecia alguém batendo de leve sobre o vidro. Primeiro assustada fiquei imóvel e até parar de respirar parei. Mas não tinha como disfarçar que eu estava dormindo, pois certamente ainda era a única luz acesa em toda a casa.

- Nina, você está acordada? - um sussurro lá de fora eu ouvi

Agora não só minha respiração, mas também meu coração parou. O que fazer? O que ele ia querer aquela hora da noite na janela do meu quarto?

Não sei como, e nem porque, mas quando dei por conta, a janela já estava aberta e ele pulava para dentro do quarto.

- Posso entrar? - ele perguntou, mas já tinha entrado.
- O que você quer? - indaguei. Meu corpo tremia de tesão e medo ao mesmo tempo.
- Você!
- Ah? Eu?
- Você. Eu quero você. Fiquei a tarde toda pensando em você. Quero sentir seu cheiro, te tocar, continuar o que começamos.

Enquanto falava caminhava em minha direção, paralisada, só acordei do transe quando seus lábios tocaram os meus, e suas mãos grandes e fortes agarraram minha bunda com muita vontade.

Me entregar ou fugir? Gemer ou berrar? O que fazer?

Enquanto não me decidia o que eu queria fazer, Leôncio tomou a frente e em segundos começou a subir minha blusa até desnudar meus seios. Baixou minha calcinha de algodão até tirá-la, cheirá-la e guardar no bolso.

Me deitou de bruço, e suas mãos correram sobre minhas costas nua. Não sei se é pela brisa que entra pela janela que ficou aberta, ou pelos seus dedos hábeis, mas meus pelinhos ficam todos arrepiados.

Eu estava novamente toda nua e disponível para o meu príncipe Leôncio.

Ele sem pressa, começou aplicando uma massagem relaxante que começava nos meus ombros e descia até a sola dos pés. Nenhuma ousadia. Nenhuma mão boba neste momento. Só massagem comportada mesmo.

Quando enfim meu corpo estava completamente relaxado, os toques firmes e localizados passaram a ser mais suaves. Mais sutís. Uma nova tensão começou a tomar conta do meu corpo. Mas agora, era uma coisa diferente. Era tesão.

Se na primeira sessão da massagem relaxante Leôncio fez questão de passar longe de minhas zonas erógenas, agora era lá que ele concentrava seus esforços. Não mais só com as mãos, mas também com os lábios, língua, e com o bafo quente da sua respiração.

Nuca, lóbulo das orelhas, costas, atrás dos meus joelhos, e claro, aquela língua boba deslizando desde as minhas costas até a fenda interglútea.

Meu coração acelerou mais uma vez. Senti borboletas no meu estômago, e parecia que elas queriam sair voando pela minha xaninha. Ela que a propósito, estava pegando fogo novamente. Ainda não tinha sido tocada diretamente, mas mesmo assim começava a verter os primeiros fiozinhos do meu líquido do prazer.

Sim, queria ele dentro de mim novamente. Fosse do jeito que fosse queria gozar mais uma vez na boca dele, e com sorte, ser novamente penetrada por aquela piroca grossa do Leôncio.

Mesmo eu estando ali toda entregue e pronta para ele, aquele homem gostoso não tinha pressa. Continuou me torturando mais alguns longos e intermináveis minutos antes de enfim, tocar com a ponta da língua minha xaninha.

Cada minuto esperado foi compensado em seguida. Sua língua começava a escorregar desde as minhas costas passando pela fenda interglútea, se detendo nos grandes lábios por alguns instantes, até enfim chegar e tocar meu clitóris.

Estava uma delícia, mas deitada de bruços os nossos movimentos eram um pouco limitados.

Me virei, despí a pouca roupa que Leôncio ainda usava, e agora deitados de lado começamos um 69.

Até tentei me concentrar no seu pauzão e suas bolas, mas não consegui muito. O máximo de controle que tinha era meter tudo na boca e chupar enquanto gemia. Isso porque, ele estava me chupando tão gostoso ao mesmo tempo que me dedava, que me tirava completamente do meu estado natural.

Seu dedo médio entrava e saía da minha pequinha com tanto vigor, que me deixava louca de tesão.

Quanto mais ele agia, menos eu conseguia retribuir.

Meu tesão foi subindo. Senti o orgasmo chegando. E Leôncio, ao perceber que minhas pernas começaram a enrijecer e minha respiração acelerar, deu o toque final. E que toque.

Aproveitando que meu períneo estava todo lubrificado com meu melzinho e sua saliva, meteu seu dedo anelar no meu cuzinho de uma só vez e sem dó. Não deu nem tempo para me assustar, pois sentir dois dedos se movimentando dentro de mim e mais suas chupadas certas no meu clitóris, fez eu explodir no mesmo instante.

Parar? Nem pensar. Ele intensificou ainda mais seus movimentos sobre e dentro meus buraquinhos.

Me levou às nuvens. Ainda bem que minha cabeça estava enterrada no travesseiro e assim pude gemer alto sem acordar minha avó que nesta altura já devia estar dormindo há tempo.

Ele, novamente alucinado, não parou de jeito nenhum. Ainda me chupando e me dedando por dentro, movimentou seu quadril a ponto de encostar novamente sua piroca grossa nos meus lábios. Começou a foder minha boca.

Eu não tinha mais forças nem controle sobre meu corpo, só conseguia manter a boca aberta para receber aquele pauzão que batia no fundo da minha garganta.

Leôncio realmente era um bruto macho alfa. Enquanto movimentava seu quadril comendo minha boca, me sugava com mais vigor do que antes.

Minha pepequinha e meu cuzinho já estavam arregaçados com o movimento dos seus dedos grossos que me possuíam. Entravam e saíam. Apertavam meu ponto G e friccionavam as paredes internas.

Mais um, dois, não sei, talvez cinco ou dez minutos. Perdi totalmente a noção do tempo. Só lembro que quando meu segundo gozo da noite tomou conta do meu corpo, senti seu jato quente no mesmo instante inundando minha garganta. Nem tive tempo para pensar, fui obrigada a engolir tudinho para não me afogar. Mesmo sem querer.

Gozando e sendo inundada com seu gozo. Assim imaginei que terminaria aquela transa. Mas não. Ele queria mais. Muito mais.

Ainda com minha respiração ofegante, e com o suor vertendo dos meus poros, me pôs de 4 feito uma égua, e veio montar em mim mais uma vez. Leôncio de pé ao lado da cama, e eu de quatro, comecei a levar vara mais uma vez.

Ele só parou de meter em mim quando novamente gozou lá no fundo. Mais uma vez sem camisinha gozou dentro de mim. Que merda pensei. Novamente terminou de um jeito bruto.

Tirou sua piroca lambuzada, se vestiu, me beijou na testa e se foi.

Do jeito que estava, soltei meu corpo e de braços adormeci nua e de pernas abertas. Só acordei de madrugada com o frio que entrava pela janela sentindo a meleca que vazava da minha pepequinha.

Fui ao banheiro e tentando não fazer muito barulho, limpei o seu esperma que ainda vertia da minha pepequinha. Vesti minha camiseta e uma nova calcinha e voltei a dormir. Já que a outra calcinha o bruto levou consigo.

## Dias Felizes

Minha noite de sono foi agitada. Sonhos bons e ruins se misturavam o tempo todo. Meu corpo, especialmente minha pepequinha e cuzinho doíam devido a brutalidade que Leôncio me pegou na noite anterior.

Na manhã seguinte acordei assustada com minha vó entrando no quarto. O sol raiava forte lá fora. Olhei no relógio: 10h05. Meu corpo doía. Eu estava satisfeita. Estava triste. Angustiada. Mas queria mais. Muito mais.

Comecei a me sentir uma puta. Uma vagabunda. Por mais que desejasse ser tratada como uma princesa, aquela pegada forte me dava prazer. Não tinha conseguido gozar enquanto ele me penetrava, mas os gozos nas preliminares eram demais.

Meu lado princesa definitivamente estava ficando para trás. E os próximos dias na fazenda comprovariam isso.

Como disse, acordei assustada com Vó Juliana entrando no quarto:

- Bom dia minha neta. Está tudo bem contigo? Está se sentindo mal?
- Bom dia vó. Estou bem sim. Só resolvi dormir um pouco mais hoje para descansar.
- Te avisei ontem que não era para ficar lendo até tarde. Foi isso né?
- Ah, sim. Acho que foi. - mal sabe ela que eu estava na lida, não lendo.
- Levanta e vem tomar café então. Logo mais vai estar na hora do almoço.
- Sim, vou sim. Obrigado por me chamar.

Com preguiça e ainda me sentindo arregaçada e toda doída, bem do jeito que queria, levantei e fui tomar meu café. Comi pouco para não estragar o almoço. Só uma xícara de café com um pedaço de broa de milho.

Tomei um banho com a desculpa de lavar o cabelo. Mas na verdade queria mesmo era me lavar da noite anterior. Passei meu creme corporal, um perfume bem leve. E com os cabelos ainda úmidos e soltos, coloquei só um vestidinho leve. Nada mais. Nada mais mesmo.

Saí então para caminhar sem rumo. Ou melhor, com um rumo certo. Queria encontrar Leôncio novamente, só não sabia onde ele devia estar naquele momento.

Uma volta ao redor da casa, e nada. Será que estaria no curral ou no estábulo? Ou na roça? Ou onde será?

Caminhei dançando feito boba e catando pedrinhas no chão em direção ao estábulo. Chegando lá, escuto alguém limpando uma baia no final do corredor. Será que era ele? Só tinha um jeito de saber.

Pé por pé, fui andando até lá. Era ele mesmo. Estava sozinho colocando serragem nova na última baia do corredor.

Sem camisa, dava para ver o suor escorrendo das suas costas.

Nossos encontros anteriores carregados de tesão recolhido não tinham permitido reparar direito seu corpo. Ombros largos e braços fortes. Músculos que eram revelados com o movimentar dos seus braços. Mãos grandes e fortes. Mas essas eu já tinha sentido no meu corpo.



Fiquei ali parada em silêncio algum tempo só observando aquele macho alfa. Lindo. Gostoso. Meu deflorador.

Como diz o ditado, “amor de pica, onde bate fica”. Eu estava assim. Vidrada por aquele bruto.

Leôncio chegou a levar um susto quando se virou e me viu ali parada a observá-lo.

- Uiiii menina. Assim você me mata do coração. O que está fazendo aqui?
- Não sei. Sem querer acabei aqui a te observar.
- Assim não vou mais conseguir trabalhar. O que é isso. Esse cheiro doce é seu?
- Ahan.
- É melhor você sair daqui agora. Não vou me responsabilizar por mim.

Em vez de dar um passo para trás e sair. Dei um passo à frente.

- Pare com isso menina. Assim você me deixa louco.
- É mesmo? - falei mordendo meu lábio superior.
- Uxi, você é mesmo uma potranca que precisa ser domada ein.
- Então me mostre como você faz isso.

Com as duas mãos na barra do meu vestido, comecei a erguê-lo revelando minhas coxas lisas. Fui subindo até sentir o ventinho passar pelo fundinho da minha pepequinha. Não ergui mais. Só o suficiente do vestido para ele perceber que estava sem calcinha.

O mundo parou naquele instante. Esqueci todos os perigos que corremos de sermos surpreendidos. Nada mais interessava. Só aquelas mãos fortes segurando meu corpo e aquela piroca dentro de mim.

E foi isso mesmo que aconteceu.

- Vem cá sua piranhazinha safada da cidade. Você é pior do que essas rameiras do puteiro.

Me agarrou forte e me jogou de bruços sobre um fardo de feno no canto da baia. Ergueu meu vestido até às costas revelando minha bunda nua. Abriu a fivela de peão da sua calça jeans e num só movimento baixou a calça e a cueca até o meio das pernas.

E mais bruto ainda, com as mãos abriu bem minha bunda e com os pés afastou minhas pernas o máximo que consegui. Encostou a cabeçona na entrada da minha pepequinha e sem pedir licença, foi entrando.

Sem nenhuma dificuldade enterrou todo aquele pauzão até bater no meu útero. Parou e gemeu.

Acho que ele tentou se controlar, mas não conseguiu. Novamente assumiu aquele perfil de bruto e começou a meter com força.

Suas mãos abriam bem minha bunda e na posição que estávamos, eu toda arregaçada e ele me comendo por trás, dava para sentir as suas bolas batendo e querendo entrarem junto.

- Sua piranha. É isso que você quer? Quer pica? Então tome.
- Ai.. ai...ai... - só conseguia responder isso.

Novamente sua brutalidade estava começando a me machucar. Sentia seu suor começando a pingar sobre minhas costas. Suas mãos apertavam ainda mais forte minha bunda. E sua piroca batia cada vez mais forte lá no fundo.

- Ai...ai... calm.. calma.... mais devagar. ... - falei gaguejando.
- Toma. Não é assim que vocês mulheres gostam?
- Ai... tá machucando... ai...
- Vou te comer todinha. Vou te arregaçar toda. Você é muito mais gostosa do que aquelas piranhas do puteiro.
- PARA PARA AGORA!! - fui obrigada a quase berrar e empurrar seu corpo para fora do meu.

Ele deu um passo para trás e eu permaneci ali aberta e de braços ainda, mas aliviada por ele ter saído de dentro de mim.

- O que aconteceu? O que eu fiz? - ele falou realmente sem saber.
- Estava me machucando.
- Mas como?
- Com sua brutalidade. Isso não é bom.

Consegui ficar de pé, virei de frente para ele e abaixei meu vestido e fui saindo da baia.

Ele me segurou pelos ombros e pela proximidade de seu pau duro tocou meu ventre sobre o vestido.

- Você pensa que vai aonde? Me deixando assim?
- Vou embora.
- Mas o que foi que eu fiz de errado?

Ele realmente não entendia.

- É assim que você faz com as outras também?
- Assim como?
- Com toda essa força e brutalidade?
- Bruto como?

Virei de costas novamente para ele, ergui meu vestido e mostrei as marcas das suas mãos na minha bunda. Estavam lá bem evidentes no vermelhidão oriundo do seu aperto.

- Me desculpe. - Leôncio voltou a falar. - Mas é que eu achei que vocês gostam assim?
- Me diga uma coisa seu troglodita. Você já tinha ficado com alguma garota antes? Ou também foi a primeira vez.

Ele soltou uma gargalhada, ao mesmo tempo que sutilmente começou a se masturbar na minha frente.

- Mas é claro que já. Muitas por sinal.
- É mesmo? E todas do puteiro?
- Ah. Bem. É....
- Então. Já respondeu. Eu não sou do puteiro não. E não gosto assim. E mais uma coisa. Você usa camisinha com elas?
- Claro que uso. Não sou louco? Vai saber com quem aquelas quengas se deitaram antes.
- E comigo não precisa? Porque não está usando?
- Bem, você era virgem não era? Então, qual o risco?
- E se me engravidar. Esse risco não basta?
- Eu não tinha pensado nisso.
- E você mete desse jeito nela também? com toda essa força feito um louco?
- Claro. São elas que pedem para socar forte e rápido. Dizem que é assim que as mulheres gostam.
- Vocês são uns idiotas mesmo. Como é fácil enganar os homens.
- Do que você está falando?
- Seu besta. Quanto mais rápido você fizer, mais rápido você goza e libera ela para o próximo trouxa. Simples assim. Uééé... - conclui fazendo uma careta para o bobo.

Ele sem jeito, ainda com as calças abaixadas, me abraçou carinhosamente e beijou minha face.

- Desculpa minha princesa. É que eu achei.....
- Achou que todas mulheres eram vagabundas com aquelas que você come por aí? Pensou errado.

Não sei o que aconteceu comigo, mas de uma hora para outra me deu vontade de parar tudo e falar aquelas coisas. Mas não queria ficar sem gozar. Quanto mais brava ficava com aquele jeito bruto do Leôncio, mas tesão eu sentia.

Por sorte, ele voltou a me beijar na boca de uma maneira mais meiga. Mais carinhosa. Passou a mão na minha bunda e voltou a subir meu vestido. Tudo com muita delicadeza e meio que pedindo licença.

Nada fiz para impedir. Eu queria que ele continuasse. Meter sem camisinha naquela altura do campeonato não fazia mais diferença, pois a vaca já tinha ido para o brejo mesmo. Só não ia deixar gozar dentro mais uma vez. Isso sim era brincar com a sorte. Eu não tomava pílula e também não controlava meus dias. Risco total.

- Cara, não precisa ser um delicado assim. Pode ser aquele gostoso que me pegou de jeito. Só não seja um bruto. - fui obrigada a intervir novamente, pois agora estava devagar demais.

Vi que seus olhos negros voltaram a brilhar vivamente. Novamente me pegou de jeito. Firme, mas não mais agressivo como antes. Mais uma vez me deitou de bruços sobre o fardo de feno e subiu meu vestido. Mas em vez de cair matando como antes, agora se ajoelhou e meteu a cara no meio da minha bunda.

Como antes, suas mãos agarraram minha bunda e voltaram a abri-la bem, mas para dar acesso completo a minha vulva, clitóris e, uuiiii. que arrepio, ao meu buraquinho ainda virgem.

Aquele terneiro babão sabia como agradar uma mulher utilizando a boca. Minha nossa. Minhas pernas estavam ficando moles com suas investidas. Com sua boca me sugando e sua língua percorrendo minhas voltinhas.

- Que tortura. Que buceta linda. Quero voltar a te comer, mas não tenho camisinha aqui.
- Vem. Vem logo. Só não goza lá dentro.

Levantou, se encaixou e voltou a socar para dentro. Ui, que delícia.

Suas mãos fortes agora seguravam minha cintura e bunda de forma firme, mas não mais machucando. Suas investidas continuavam fortes e firmes, batendo lá no fundo. Mas sem aquela brutalidade de um troglodita.

Agora sim. Com pegada. Forte. Firme. Mas do jeito certo.

A cada nova bombada dele, mais estrelinhas eu via. Mais borboletas pareciam se remexer no meu estômago. E então, quando Leôncio se inclinou e tocou minhas costas com aquele peito nú e suado, e ao mesmo tempo meteu a língua fundo na minha orelha, foi eu quem se descontrolou.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Minhas pernas começaram a tremer feito vara verde. Minha pepequinha começou a morder aquele pauzão como se fosse engoli-lo inteiro. Comecei a jogar meu quadril para trás totalmente sem controle.

- Mais forte. Mais forte. Agora eu quero mais forte. - berrei. gemi. gruni. gaguejei.

Na medida do possível, da maneira que meu corpo permitia, ele acelerou. Mais e mais. Suas mãos não só seguravam. Estavam novamente apertando e causando dor. Mas agora eu queria assim. Nesta hora minha versão princesa não existia mais.

- Preciso parar. Vou gozar. - Ele anunciou.

- Não para. Continua. Mais forte.
- Vou gozar.
- Se você parar agora eu te mato.
- Vou gozar.. não vou segurar.
- Não pare seu puto. Ai, ai ai aiiiiiiii

De repente ao mesmo tempo que voltei a sentir aquele jato quente me inundando por inteira, uma sensação de choque com arrepio começou da ponta da minha pepequinha, cruzou minha espinha, e foi sair na forma dum gemido abafado na minha boca.

Cai desacordada sobre aquele feno. Semi desmaiada mas ainda sentindo calafrios. Arrepios. Um formigamento que começava no meu estômago e se espalhava até a ponta dos meus dedos.

Leôncio, novamente, gozou tudo lá dentro. Bem no fundo do meu útero. Deu mais duas bombadas para terminar seu gozo e cravou seu pauzão lá no fundo como um mastro de cerca. Duro e firme ficou enterrado na minha buceta o tempo suficiente para eu sentir todas as sensações estranhas do mundo.

Só quando meu corpo enfim voltou a relaxar, e minha pepequinha também permitiu sua saída, ele tirou para fora.

Eu de bruços, perna aberta e bunda arrebitada, vestido levantado e sem forças para me mexer. Meu corpo ainda sentia calafrios e arrepios, apesar de estar suando demais. Minha pele branquinha era um vermelhidão só.

Leôncio de pé dois passos atrás de mim, e com as calças ainda arriadas e aquele pauzão semi duro, ainda respirava ofegante.

No mesmo instante que senti um líquido quente escorrendo de dentro da minha pepequinha em direção às minhas coxas, meu coração novamente acelerou com o que ouvimos.

- Leôncio, está por aí?

Vovó Juliana parada na porta do estábulo estava chamando Leôncio. Por pouco ela não nos pega no ato. Ou será que ela nos viu e retornou para a entrada antes de se anunciar? Nunca vou saber.

Leôncio num pulo só subiu as calças, pegou o rastelo na mão e deu um pulo para fora da baia que estávamos usando como ninho do amor. O talvez “abatedouro” seria a definição mais correta para ele.

- Dona Juliana, estou aqui terminando a limpeza da baia do imperador.
- Que bom meu filho. E está tudo certo? Pare um pouco e tome uma água, pois está muito suado.
- Não se preocupe não. Estava lidando com prazer. Nem vi a hora passar e o calor chegar.

Eu continuava sem forças, mas precisava me recompor e começar a pensar em uma desculpa caso vovó chegasse mais perto e me visse.

Levantei e soltei o vestido. Sem calcinha o gozo do Leôncio ainda corria da minha pepequinha para minhas coxas e pernas se misturando com o suor que vertia dos meus poros. Minha pele era um vermelhidão feito pimentão.

E na baía os odores se misturavam. Feno com cheiro de cavalo. Suor com cheiro de sexo. Até hoje quando sinto odores parecidos lembro daqueles dias a ponto das minhas pernas ficarem moles.

Leôncio deve ter percebido minha aflição pelo risco de sermos pegos ali, e tomou a iniciativa para despistar a vovó Juliana.

- Dona Juliana, que bom que a senhora me procurou. Queria lhe mostrar uma coisa.
- Pois o que seria menino?
- Venha cá. É ali no curral.

Aos poucos os passos de ambos foram ficando cada vez mais distantes até tornarem-se inaudíveis. Com toda cautela possível, tirei a cabeça para fora e espiei no corredor para ver se ainda tinha alguém por ali. Tudo deserto.

Ainda com as pernas moles e curtindo meu gozo recente, tomei a direção contrária a porta de entrada e saí pelos fundos do estábulo em direção a um pequeno riacho que corta a sede da fazenda.

Ali sentada em uma pedra com os pés mergulhados na água corrente, aos poucos fui me refrescando e me limpando na medida do possível. Precisava mesmo de um bom banho.

Quando enfim meu coração voltou a bater no ritmo normal, propositalmente simulei um escorregão desajeitado a ponto de cair de “bunda” na lama da margem onde estava. Pronto, agora era obrigada a tomar um banho e não precisaria dar nenhuma satisfação à vovó, porque estava indo tomar um segundo banho na mesma manhã.

Voltando para casa toda enlameada, encontrei vovó já colocando o almoço à mesa.

- O que é isso minha filha? O que aconteceu?
- Nada vovó, só estava passeando por aí e escorreguei na lama.
- Mas não se machucou? Está tudo bem?
- Está sim. Só dei uma bundada nada mais. Acho que vou precisar de mais um banho antes do almoço.
- Vá sim, mas não demore para o almoço não esfriar.

Sorri para ela, e num pé só fui para o segundo banho da manhã. Não podia demorar muito, mas minha vontade mesmo era ficar debaixo do chuveiroquentinho algumas horas. Mas se fizesse isso deixaria vovó esperando e a comida iria esfriar.

Limpei a lama e o resto do gozo do Leôncio que ainda escorria de mim. Lavei novamente o cabelo e passei um creme por todo corpo. Sequinha, me perfumei, vesti um shortinho leve e uma camiseta de malha sem sutiã e fui para a mesa.

- Demorei muito vovó? - questionei ela enquanto me olhava de cima a baixo.
- Não minha filha. Foi rapidinho.
- Que bom. Fiz o mais rápido possível. Tem alguma coisa de errado? - a questionei devido ao jeito que me olhava.
- Que mulherão que você se tornou minha filha. Ainda ontem era uma menininha que corria aqui pelos campos com os cabelos soltos.
- Ah vovó. Já tenho 21 anos né.
- Mas olha, um conselho de avó. Acho melhor você não andar com essas roupas pela fazenda.
- Mas porque? O que elas têm de errado?
- Errado nada, mas você deve saber que aqui tem muitos peões solteiros e gostam de um rabo de saia.
- Mas isso é bom não é?
- Para uma menina estudada na cidade como você, não sei se eles fariam o seu jeito.
- Ah vovó. Deixa disso. Sei me cuidar.
- É bom mesmo minha filha. Aqui na fazenda mesmo, volta e meia aparecem umas histórias de raparigas da vizinhança embuchadas.
- Embuchadas? Como assim?
- Grávidas minha filha. Se embrenham aí pelas capoeiras com os peões e sem cuidado nenhum, quando vêm já estão prenhas. Barrigudas. Embuchadas. Grávidas.
- Entendi.

Sentei a mesa e comecei a me servir. Estava com fome de leão. Também pudera, depois de toda ação da manhã agora precisava repor as energias.

- Vovó, e esse tão de Leôncio que a senhora pediu para me acompanhar, como ele é?
- Como ele é o que? - Vovó Juliana devolveu a pergunta.
- Ele é desses peões que preciso me cuidar? Também é um aproveitador?
- Olha minha filha. Do Leôncio ainda não fiquei sabendo de nada comprovado.
- Nada comprovado?
- Sim, comprovado. Pois volta e meia aparece um oficial de justiça por aqui com uma notificação para destinar a chamada pensão para algum filho perdido. E para ele ainda não recebi nenhuma.
- Quer dizer então que ele não é desses que se aproveitam das meninas?
- Disso já não sei. Me parece um menino mais correto. De família boa. Seu pai já trabalha aqui na fazenda desde moleque. Também é estudado. Mas sabe como é. Homem é homem. Vivem atrás de um rabo de saia.
- Sei.



- Eu pedi para ele te acompanhar nas caminhadas pela fazenda porque confio nele e porque ele conhece muito bem nossas terras. Mas não arriscaria não. Ele também.....deixa prá lá.
- Ele também o que, vovó? Agora fiquei curiosa. - Não sei se estava conseguindo disfarçar minha ansiedade por saber mais sobre aquele peão.
- Ah minha filha, são coisas dos rapazes.
- Ah vovó. Agora a senhora me deixou curiosa. Como vou sair pela fazenda com um rapaz que não sei se posso confiar?
- Não é coisa de mulher direita isso. São coisas que não se falam nas casas das famílias direitas.
- Agora não entendi nada.

Vi que vovó realmente ficou sem jeito. Pigarreou. Vermelhou. E quase inaudível soltou:

- Também gosta de ir para aqueles lugares que os homens vão para se satisfazer, sabe como é né.
- Sim, já ouvi falar.
- Então. Como todo homem, se ele tiver uma chance vai tentar se aproveitar e depois sair se gabando por aí.
- Hum... Então tá.
- Agora vamos almoçar e deixar de conversa fiada.
- Claro, desculpa vovó.

Já tinha deixado ela encabulada demais para continuar o assunto. Almoçamos praticamente em silêncio, e as poucas palavras que trocamos à mesa foram sobre amenidades.

Depois da sobremesa, sempre tinha uma sobremesa deliciosa feita especialmente para mim naqueles dias, levantamos e fomos fazer a limpeza da cozinha.

Tudo limpinho, pedi licença e fui para meu quarto. Deitei, e mesmo sem querer dormi um sono restaurador tanto para minha mente quanto para meu corpo. Minha pepequinha acordou pronta para mais uma lida. Minhas pernas descansadas. E eu, voltando a sentir um tesão danado só em lembrar aquele corpo suado me encochando. Eu era uma potranca e ele um garanhão. Não tinha mais dúvidas disso.

O resto da tarde fiquei em casa mesmo. Novamente fui à biblioteca e escolhi um livro clássico, e na varanda me deitei na rede e fiquei lendo até escurecer. O autor escolhido foi Julio Verne, e o livro, Vinte mil léguas submarinas.

Eu sei que este é um clássico que todos já leram. Mas eu ainda não tinha lido não. E agora entendo porque é tão citado assim. O livro é ótimo. O capitão Nemo a bordo do Nautilus nos envolve completamente.

Sentei a mesa do jantar ainda lendo. E por algumas horas esqueci totalmente do Leôncio e de sexo. Parecia que estava novamente conseguindo me controlar.

- Minha filha. - Vovó Juliana me chamou. - O que está lendo hoje? Largue esse livro pelo menos para jantar, senão pode ter uma congestão.
- Ah vovó. Desculpa. É que essa aventura que se passa pelos mares a bordo do Nautilus é muito empolgante.
- É mesmo minha neta. Júlio Verne sempre foi um escritor à frente do seu tempo.
- A senhora já leu as obras dele? - falei empolgada enquanto comia uma fatia de pão com geleia.
- Se já li? Muitas delas. Vinte mil léguas submarinas. Viagem ao centro da terra. Da terra à lua. E muitas outras.
- Que legal. Eu ainda não tinha lido nada dele, sabe como é. Hora ensino médio, depois faculdade e estágio não sobra tempo para outras coisas senão os livros técnicos.
- Por isso é necessário equilíbrio na vida minha filha. Nem oito nem oitenta.
- Equilíbrio?
- Sim. Muito equilíbrio. Eu e o seu avô, por exemplo, sempre nos demos muito bem. Sabe por que? Equilíbrio.
- Como assim vovó?
- Nem um de nós abusava. Tudo que se refere à bebida, comida, trabalho, estudo, prazeres, namoro, precisa ter equilíbrio.
- Entendi.

Não sei qual relação ela conseguiu encontrar entre ler e falar de equilíbrio para namorar. Será que ela viu alguma coisa lá no estábulo mais cedo? Estava desconfiada? Ou foi só por acaso mesmo que ela falou. Para não levar a conversa para outro nível, dei um jeito de cortar por ali mesmo e mudar o assunto.

Depois da janta mais uma vez voltei para a varanda e lá fiquei até mais tarde lendo.

Lá pelas 9 da noite vovó sugeriu que era melhor entrar e fechar tudo, pois já estava ficando tarde. Nove horas e tarde? Sim, na a fazenda é tarde.

Desejei boa noite para ela e fui para o quarto continuar minha leitura. Em poucos minutos a casa ficou escura e em silêncio. Só se ouvia os grilos lá fora, e minha respiração e o virar das páginas do livro no meu quarto.

Totalmente envolvida na trama, bem na hora que o polvo gigante começa a atacar o Nautilus, levei um susto de parar o coração. Como que por coincidência, ouço barulhos na janela do quarto.

Era novamente Leôncio que estava ali. Mas dessa vez não pediu para entrar, e sim, para que eu o acompanhasse.

- O que você está fazendo aqui nessa hora? - indaguei sussurrando
- Vim te buscar.
- Me buscar? Para fazer o que?
- Tenho uma surpresa para você.
- Que surpresa?

- Se eu falar vai deixar de ser surpresa. Vem ou não?
- Tá bom. Mas deixa-me trocar.
- Não precisa não. Pode vir assim mesmo.

Saindo do quarto de maneira furtiva pela janela, encontrei lá fora uma noite quente e iluminada por uma linda lua cheia.

Em silêncio caminhamos até os estábulos, e lá, montamos sobre o imperador e saímos cavalgando noite adentro. Depois de algum tempo, passando por vales, florestas e campos abertos, chegamos a uma clareira em frente a cachoeira “fenda da casada”.

Apeamos do lindo animal, e só então percebi que Leôncio trouxe conosco muitos apetrechos.

- Pra que tudo isso? - indaguei.
- Só algumas coisas para passarmos a noite.
- O que? Está louco? Passar a noite aqui no relento?
- Sim. Bem aqui debaixo das estrelas.

Do lombo do animal tirou vários pelegos e os espalhou pelo chão. Ao lado, colocou uma cesta com frutas e uns biscoitos. Uns dois passos à direita, se encarregou de fazer uma fogueira com um punhado de lenha que já estava ali preparada e só então reparei. Por fim, tratou de amarrar o animal um pouco mais longe e retornou para o que seria nosso ninho de amor naquela e em muitas outras noites seguintes.

Voltou até mim, me deitou sobre os pelegos e começou a me beijar lentamente.

- O que você pretende fazer comigo?
- Me redimir. Fazer você feliz. Fazer amor contigo.

Quem disse que eu queria fazer amor. Queria transar mesmo. Mas me deixei levar para ver onde isso ia dar.

Com o fogo crepitando ao nosso lado enquanto nos aquecia, e a lua cheia iluminava nossos corpos, Leôncio sem nenhum esforço me desnudou ao seu bel prazer. Parou por alguns instantes para ficar me apreciando. Em algum momento tive a impressão de que estava mesmo era venerando meu corpo.

- Porque você está me olhando assim?
- Sua beleza. Não me canso em apreciá-la.
- Deixa disso. Sou igual a todas as outras meninas.
- É não. Até agora não acredito que esse peixão caiu na minha rede por conta própria.
- Deixa esse papo antes que seja tarde.

Sem falar mais nada, se deitou ao meu lado, e voltou a me beijar. Começou com um selinho nos lábios e seguiu para o queixo, orelha, nuca, tronco, e enfim se deteve nos meus seios.

Diferente de todas as outras vezes, ali não tinha ansiedade. Não tinha pressa. O tempo parou e o mundo era só nosso.

Sua boca percorria dos seios ao umbigo. Do ventre as coxas e claro, minha pequinha molhadinha.

Deitada de costas sobre os pelegos quentinhos e macios, nas poucas vezes que me atrevi a abrir os olhos tinha na minha frente uma lua cheia maravilhosa. Só ela como testemunha do nosso tesão. Da nossa loucura. Ou não tão loucura assim.

Leôncio literalmente deu um banho de língua em todo meu corpo. Não sobrou nem um centímetro sequer sem que ele tivesse explorado.

Quando se deu por satisfeito de conhecer e tocar em minhas curvinhas, se deteve enfim na minha pequenina pequinha. Que nesta altura já não estava mais assim tão pequenina não. Apesar de ainda continuar bem apertadinha.

Explorou todas as voltinhas da vulva, pequenos e grandes lábios sem esquecer de nenhuma parte. Neste momento, só alguns toques sutis sobre a pontinha do clitóris para começar a me atíçar.

Alternadamente a estes movimentos, sua língua firme e sedosa, começou a comer minha pequenina. Hora estava dentro dela, ora lambendo minha bundinha. Arrepios de tesão começaram a percorrer minha pele. Meus pelinhos ficavam todos ouriçados a cada nova sequência destes toques.

Comecei a sentir meu estômago a embrulhar novamente. Melhor, como se aquelas borboletas da manhã voltassem a tentar voar a partir dele. Meus poros aos poucos abriram e comecei a suar. No mesmo ritmo que ofegava, ele me possuía.

Mas ainda faltava alguma coisa. O toque da sua boca e suas mãos firmes que seguravam eram uma combinação perfeita. O tesão foi para as alturas. Mas ainda faltava alguma coisa e não conseguia identificar o que era.

Então, como que adivinhando, Leôncio enfim direcionou todos seus esforços labiais para o meu clitóris, e seu dedo médio para minha pequinha.

Foi só ele introduzir seu dedo grosso e tocar um ponto específico dentro dela, ao mesmo tempo que sua boca cravada sobre meu clitóris o sugava com mais intensidade, que aquela sensação gostosa se transformou. Sofreu uma metamorfose. De gostosa, passou a ser incontrolável.

As borboletas do meu estômago? Estas quiseram sair voando todas ao mesmo tempo. Embora a noite fosse clara e com lua, parece que raios e trovões começaram a percorrer todos os nervos do meu corpo. As pontas dos meus dedos começaram a formigar.

Não tendo mais controle de nada sobre mim mesma, minhas pernas que até então estavam levemente flexionadas e bem abertas, involuntariamente se fecharam prendendo a cabeça

de Leôncio entre elas. Minhas mãos puxaram sua cabeça ainda mais ao meu encontro. Queria ele todo dentro de mim.

Da maneira que consegui, sua língua passou a agir ainda mais rápido. Seu dedo no interior me pressionava com mais intensidade ao mesmo tempo que tentava imitar um movimento circular sobre esse ponto mágico.

Descontrolada e longe de qualquer civilização, comecei a gemer alto, me contorcer, xingar e por fim, urrar ainda mais alto quando meu gozo intenso e descontrolado chegou.

Aquele peão danado tinha uma força nas mãos que mesmo com minhas mais fortes contrações, não se cansou e não parou.

Essa combinação perfeita de dedo, boca, língua, e prazer, me proporcionou um dos mais intensos orgasmos da minha vida. Foram poucas as vezes que senti algo assim tão forte como naquela noite.

Até xixi fiz na cara do Leôncio. Só muito tempo depois fui descobrir que aquilo se chamava “squirt” e não era xixi. Mas por sorte na hora também não importou, pois ele não parou mesmo assim.

Só parou mesmo quando eu meio que desmaiei. Quando meus músculos relaxaram e soltaram seu corpo. Mas até isso acontecer, foram alguns longos, deliciosos e inesquecíveis minutos de muito prazer.

Não sei quanto tempo fiquei desacordada, ou semi desacordada. Mas sei que quando comecei a voltar para meu corpo, encontrei ele ajoelhado ali do meu lado ainda de cuecas. Novamente me beijando carinhosamente.

Eu estava saciada, por mim a noite poderia finalizar naquela hora mesmo, mas dava para ver no volume da sua cueca que tinha muito para acontecer ainda.

- Posso continuar agora? - Leôncio sussurrou.
- Aham. - foi só o que consegui responder.

Tirou sua cueca, pegou uma camisinha e a vestiu no seu pauzão grosso e lindo, deitou-se sobre mim, se posicionou e enterrou toda aquela vara na minha bucinha.

Minha vontade era retribuir o agrado, mas ainda estava sem forças para isso. Precisava me recuperar um pouco mais.

Começou a me penetrar lentamente. Entrava e saía sem aplicar nenhuma pressão. Só deixava escorregar.

Sentir aquele mastro me penetrando lenta e carinhosamente foi me acordando. Ou melhor. Me fazendo querer mais, muito mais.

No mesmo ritmo que Leôncio começava a aumentar sua intensidade de penetração, levantava meu quadril para facilitar seu encaixe mais fundo. Sentia ele bater lá na porta do útero. Me esmagar.

Suas mãos agarraram meu cabelo e puxaram minha cabeça para junto da sua até nossos lábios se tocarem. Sua língua começou a invadir minha boca de uma forma lasciva e gostosa. E aquelas borboletas que habitam meu estômago que eu desconhecia, começaram novamente a se agitarem.

Mesmo presa sob o corpo daquele peão gostoso e forte, e com suas mãos segurando firmemente minha cabeça e seu quadril batendo forte contra o meu, consegui com minhas mãos livres cravar minhas unhas em suas costas. Não sabia o que estava fazendo, só não tinha mais controle sobre meu corpo.

Minhas amigas borboletas começaram a se agitarem mais e mais. Um pequeno formigamento que iniciou na minha nuca desceu percorrendo toda minha espinha até chegar lá embaixo. Minhas forças ainda não haviam retornando plenamente, mas mesmo assim queria mais. Precisava mais.

Aquele formigamento que desceu tomando conta da minha pepequinha, agora começava a transformar-se em uma quietura quase insuportável. Meu clitóris, vulva e toda minha pepequinha estavam pegando fogo. Ainda hoje não sei descrever a sensação que estava sentindo naquele instante.

Não sei se era pela forma que era comida. Se por ter tido um orgasmo intenso instantes antes. Ou por estar transando sob a luz do luar. Mas sei que meu corpo não obedecia mais meus comandos racionais. Precisava apagar aquele vulcão que ascendia dentro de mim e não era com água gelada não. Era com mais fogo que ele seria abrandado.

Sem saber de onde veio tanta força e determinação, em um único golpe sai de baixo do meu macho alfa e passei a cavalgá-lo freneticamente. Para cima e para baixo. Para frente e para trás. Rebolando e quicando, meu quadril se movimentava tão rápido e intensamente que engolia aquele pauzão todo e queria mais.

Nem mesmo a camisinha resistiu a força da penetração. Foi quando comecei não só a cavalgar, mas sim galopar sobre meu animal do sexo. Assim que subi e desci mais forte senti o látex rasgando seguido por um gemido abafado de Leôncio. Mas isso não fez que eu parasse. Na verdade, sentir pele com pele fez a sensação ficar ainda melhor e eu querer ainda mais.

Minhas pernas já estavam começando a ter câimbras e meu quadril doer ao mesmo tempo que minha pepequinha começara a arder. Descontroladamente comecei a uivar, berrar, gritar desesperadamente, até que, ao sentir o primeiro jato quente do gozo do meu homem me invadir, eu também explodi mais uma vez.

Quanto tempo se passou e o que disse naquele momento não faço a menor ideia. Só lembro que o meu corpo inteiro tremia e sentia ondas de choque que vinham da minha espinha e se dissipavam na ponta dos meus dedos.

Na verdade nem lembro como acabou, pois só voltei a acordar com os primeiros raios de sol penetrando minhas pálpebras cansadas.

Ao meu lado Leôncio dormia feito uma pedra. Do outro, a fogueira que nos aquecia durante a noite agora era só um monte de cinzas. Não sei como, mas estava coberta mas ainda nua.

A sensação do gozo da noite anterior ainda estava presente no meu corpo. Minhas pernas estavam doidas e minha pepequinha ardia e agradecia ao mesmo tempo que ainda parecia estar úmida.

Exausta, preocupada, mas realizada. O que falaria para Vovó? Ainda não sabia, quem sabe conseguiríamos voltar antes de que alguém nos visse. E inventar alguma história. Mas isso era para pensar depois.

Mas agora, vendo o sol nascer entre as montanhas e os pássaros que começavam a se agitar na copa das árvores, ao mesmo tempo que via aquele peão gostoso ainda nu ao meu lado, tinha vontade de outra coisa. Voltar a trepar. Transar. Ser comida. Seja lá o termo que queira dar mais uma vez. E mais uma e mais outra.

Ao lado de Leôncio jazia a prova do crime da noite anterior. A camisinha estourada.

De repente o medo de sermos descobertos ali ao relento fez meu peito ficar aflito, mas o tesson bateu mais alto.

Olhei melhor e vi que aquele pauzão da noite anterior agora era uma minhoquinha murcha que precisava ser acordada. E sem pensar duas vezes, literalmente cai de boca sobre ele.

De início, uma repulsa forte pelo gosto azedinho presente, mas depois de sentir que ele começava a crescer e endurecer na minha boca, a vontade de continuar foi mais forte.

Quanto mais chupava mais duro ficava e o gosto azedinho foi sumindo. No mesmo ritmo que aquele pauzão ia acordando, seu dono também ficava mais desperto. E em minutos, os dois já estávamos mais uma vez num delicioso 69. Ele estava deitado e eu de quatro sobre ele dando minha bucinha para ele chupar.

Precisávamos ser rápidos, ele tinha trabalho na fazenda que não poderia esperá-lo. O sol já raiava forte e clareava os morros e as planícies e aquecia nossos corpos.

Meu peão entendendo que precisávamos gozar e terminar nossa foda matina, saiu de baixo ainda me mantendo de quatro. E feito um ganhão, começou a me comer como se fosse uma potranca no cio.

Lágrimas de felicidade e ardência da minha pepequinha corriam na mesma intensidade de fluído que saia dela. Com nossos corpos banhados de suor, depois de mais de 20 minutos sendo comida como uma cadela, gozamos e caímos mais uma vez exaustos.

Mas dessa vez não dava para ficar alí se recuperando. Era necessário levantar acampamento e voltar para a sede da fazenda.

Nos banhamos na água gelada que caia da cachoeira ao nosso lado, nos secamos como deu, e uma vez vestidos, voltamos para a fazenda. Para minha sorte, embora o dia já houvesse alvorecido há algum tempo, parecia que todos ainda dormiam.

Entrei tão furtivamente pela janela do quarto quanto havia saído na noite anterior. Exausta mas satisfeita, me despi completamente e cai na cama desmaiada. Para mim foram apenas alguns minutos, mas para a vovó foi a manhã toda, pois perto do meio dia ela veio me acordar para almoçar.

- Minha querida, tudo bem contigo? - ela à porta,
- Ah. Sim vovó - foi só o que consegui responder sonolenta
- Não vai levantar hoje? Posso entrar?
- Ah, só um minuto. - foi o tempo para me cobrir e esconder meu corpo nu - Pode sim.
- Minha filha está tudo bem contigo? Dormindo até essa hora?
- Tá sim vovó, já vou levantar para o café. Me desculpa, acho que perdi a hora e fiquei lendo até tarde.
- Café? - ela caiu numa gargalhada - já estou com o almoço servido. Venha logo.
- Ah?! Já é meio dia? Já vou então.

Mal vovó saiu do quarto deu um pulo e levantei tonta do sono ainda. Minha pepequinha ardia e ainda vertia um pouco do líquido que o meu peão Leôncio havia me inundado na foda da manhã.

Me lavei como pude, coloquei uma calcinha de malha bem confortável com um vestidinho leve e fui almoçar.

- Está tudo bem contigo minha neta?
- Está sim vovó. Porque da pergunta?
- Nada não. Só está me parecendo meio pálida como se estivesse muito cansada.
- Deve ser porque fui dormir tarde mesmo. Sabe como é né, com o silêncio da noite me envolvi no trama e não ví a hora passar.
- Ah, sei. Então toma cuidado tá. Pode cansar demais.

Não sei se ela estava desconfiada ou mesmo havia visto alguma coisa, mas não quis continuar a conversa. Terminamos o nosso almoço em silêncio, até mesmo porque eu estava faminta e não tinha vontade de conversar. Só comer.

Após o almoço limpamos a cozinha e mais uma vez estava livre para fazer nada. E o fazer nada incluía fazer tudo que quisesse, inclusive dormir a tarde toda. Mas ao olhar para fora e ver aquela tarde linda de céu azul, não pensei duas vezes. O dia estava ideal para um bom banho de cachoeira.

- Vovó, será que o Leôncio está muito ocupado hoje à tarde?
- Depende, minha filha. O que você precisa dele?



- Eu queria visitar mais algumas cachoeiras e aproveitar esse dia lindo e pensei que ele poderia me levar. Será que pode?
- Para isso acho que pode sim. Vá lá ter com ele e veja se já acabou seu trabalho no estábulo. Se tiver liberado pede para te levar.
- Obrigado vovó.

Na mesma hora deu um beijo na sua testa e saí correndo ao encontro do meu peão gostoso.

Encontrei ele sozinho terminando de limpar a última baia do estábulo. Estava sem camisa e todo suado.

- Oi lindo. Vamos dar uma volta? Tomar um banho de cachoeira?
- Agora?
- Sim! Agora. Já falei com a vovó e ela autorizou você me levar. Disse eu só confia em você.
- Mas e o trabalho?
- Amanhã você termina.
- Então tá. Vou preparar os animais.

Alguns minutos depois estávamos cavalgando em direção a uma outra cachoeira que eu não conhecia. Linda como as outras, mas difícil de chegar pois precisava passar por um caminho apertado entre as pedras.

- Essa eu não conhecia ainda. Tem nome? - indaguei.
- Tem sim, e é em sua homenagem.
- Minha homenagem? Chama-se Nina então? - soltei uma gargalhada.
- Não boba. Não é para tanto.
- Então como ela é conhecida?
- Apertadinha!
- Ah? Apertadinha? E o que isso tem a ver comigo?
- Porque o caminho para chegar neste paraíso é tão apertadinho quanto você é apertadinha e me faz chegar ao paraíso muito facilmente.

Mal terminou de falar já estava arrancando meu vestido e minha calcinha e me prendendo contra a parede de pedra gelada. Não tinha forças nem vontade de resistir. Simplesmente estava extasiada e querendo mais.

- Vem cá minha apertadinha. Você não entendeu ainda que está mexendo com fogo e que pode se queimar?
- Sim, entendi. Eu também estou uma fomalha.
- Aqui no meio do nada e longe de todos, vou te acabar sua piranha. Vou te comer tanto que você vai ficar uns dois dias sem sentar.
- Vem garanhão. Me faça sua potranca.

Não sei o que deu em mim, mas naquela hora desejei ser possuída com toda força que ele tinha. queria mesmo era força e não mais carinho. Quanto mais minha pepequinha era comida, mais ela queria ser possuída.

Leôncio me virou de costas e me debruçou sobre uma elevação ao lado da cachoeira, e eu de quatro fiquei à sua espera. Não se passou mais do que 2 segundos até que ele caísse de boca sobre minha pepequinha e meu cuzinho.

Sua boca e língua juntamente com seus dedos fortes e valentes, fizeram eu gozar em alguns minutos. E antes mesmo de terminar meu primeiro orgasmo, ele veio e começou a me comer por trás enterrando seu pauzão na minha buceta até o fundo.

Cada estocada mais tesão e dor. Tesão pela forma que era comida. Dor por causa da minha pele esfregando sobre a pedra dura e áspera.

Mesmo com medo, dor e tesão misturado, já estava esperando literalmente levar no rabo também. Mas não foi dessa vez. Meu peão incorporou a força de um garanhão e só parou de comer sua potranca depois de me inundar mais uma vez.

Cada esporro lá no fundo gerava um misto de sensações. Dor pela força das estocadas. Tesão pela dominação e sentir o gozo fluindo para dentro do útero. Alívio por ter chegado ao fim. Frustração porque estava bom e queria que continuasse.

Com esse misto de emoções e sentimentos, gozei junto mais uma vez.

Assim que tudo acabou, meu macho caiu exausto sobre meu corpo que mal conseguia se sustentar a si próprio.

Vários minutos se passaram até que pudéssemos nos movimentar e sentir seu membro escorregar para fora da minha pepequinha.

Só quando enfim Leônio levantou seu corpo pesado que jazia sobre o meu e me ajudou também a levantar, entendi o motivo da ardência no meu ventre e peito. Quase morri de susto ao me ver toda ensanguentada. Minha pele macia havia sido esfolada com o movimento das estocadas.

Não cheguei a levar na bunda como temia, mas também não conseguia sentar de tão forte foi a comida. Ao mesmo tempo não conseguia me vestir direito devido a ardência na pele. De fato me acabou.

Nos lavamos como deu, descansamos mais um pouco e lanchamos alguns biscoitos que havíamos levado. E mal podendo sentar no lombo do cavalo retornamos à fazenda.

Foi um trabalhão inventar uma história para vovó acerca de um “escorregão” nas pedras e porque estava toda ralada e doída. Mas acho que ela acreditou. Pelo menos fez que sim.

# Sozinha mais uma vez

Nos dois dias seguintes realmente fiquei sem poder sentar. E por vezes até deitar era difícil. Mesmo que só a minha pepequinha tenha sido arrombada, estava toda doida mesmo. Mal saí do quarto e por isso mesmo não vi meu peão Leôncio nem falei com ele.

Quando comecei a me sentir melhor e pronta para outra vez me entregar de corpo e alma para meu deflorador, descobri que ele estava viajando. Havia embarcado em uma carreta boiadeira a fim de levar algumas cabeças de gado da fazenda para venda. Só retornaria dentro de uma semana ou mais.

Não tendo outra alternativa, me concentrei em novamente descansar e fazer a leitura de algumas obras clássicas disponíveis na biblioteca da fazenda. Júlio Verne. Érico Veríssimo. E tantos outros. Perdi a conta de quanto li.

Mesmo entretida nas mais altas aventuras e romances imaginários, já no terceiro dia de abstinência minha pepequinha começou a reclamar. Queria novamente sentir aquele prazer incrível que tinha virado rotina nos últimos dias. Não houve outra alternativa a não ser voltar a me masturbar. Uma. Duas. Às vezes até três vezes em um único dia.

Contato dos dias para o retorno do meu peão, dois dias antes fui surpreendida com um telegrama da cidade. Eram meus pais pedindo para voltar no outro dia mesmo pois surgira uma boa oportunidade de emprego.

Eu estava adorando esse período de férias e transas incríveis. Se dependesse de mim nunca mais sairia da fazenda e deixaria meu macho. Mas nem sempre a vida é como desejamos e somos obrigados a tomar outros caminhos. Até porque o maior de idade precisa ter seu próprio salário para pagar suas contas.

Ah se Leôncio estivesse ali para me fazer mudar de ideia. Ou melhor, apoiar minha ideia de ficar. Largaria tudo para morar numa casinha simples na fazenda só para ficar com ele. Mas não estava e não havia outra alternativa senão retornar à vida normal.

E assim fiz, no dia seguinte embarquei no ônibus e no final da noite estava de volta ao meu quarto em minha casa.

Já que não tive tempo para me despedir pessoalmente, acabei deixando uma carta cifrada para que vovó entregasse para ele. O risco era demasiado grande para escrever explicitamente tudo que pensava, então tive que improvisar.

“Querido Leôncio,

Obrigado pela companhia dos últimos dias. Foi muito gentil da sua parte me acompanhar e me proteger nos passeios pela fazenda e me mostrando novos caminhos.

Gostaria de me despedir pessoalmente, mas infelizmente por uma questão de prazo para assumir um novo emprego aqui na cidade grande, não pude esperar seu retorno.

Mais uma vez muito obrigado.

Ass. Nina.

p.s.: Se dependesse de mim teria ficado na fazenda, mas sabe como é. Os deveres nos chamam. “

Deixei essa carta selada, mas com receio que vovó abrisse. Então tentei ser o mais abstrata possível.

No dia seguinte assumi a vaga a qual fui chamada e voltei aquela velha rotina. Casa, ônibus, trabalho, ônibus, casa.

Quanto mais trabalhava e menos tempo tinha, mais tesão recolhido eu sentia.

Comecei a sentir falta daquela pegada forte, quase bruta. Acordava e antes de sair da cama era obrigada a me masturbar, no banho ao retornar para casa, e mais uma vez para conseguir adormecer. Algumas vezes era obrigada até mesmo a me relaxar durante o trabalho. Mas sentia falta de alguma coisa. Meus dedos e até um brinquedinho que acabei comprando no sex shop não me satisfaziam por completo.

Se passou uma, duas, três semanas e nenhuma resposta do Leôncio. Ou ele não recebera minha carta, ou havia me esquecido de vez. Claro, eu devia ter sido só um passatempo para ele.

Neste meio tempo meu ex-namorado João, o Joãozinho, voltou a me procurar. Ainda chateada pela forma que ele me abandonou naquela noite antes de eu ir para a fazenda, aos poucos fui cedendo e deixando ele se aproximar.

No início só conversa inocente, mas aos poucos ele foi ficando um pouco mais ousado. Atrevido mesmo. Coisa que nunca tinha feito nos nossos tempos de namoro.

No final da terceira semana depois do meu retorno, meus pais acabaram saindo e fiquei sozinha em casa. Era uma rotina deles há muitos anos. Um final de semana do mês eles passavam o final de semana em um retiro.

Ainda no banho, ao retornar do trabalho, ouço a campainha tocar. Coloco um vestidinho leve mesmo sem calcinha, pois fiquei puta da vida por não poder ter concluído minha siririca do banho e vou até a porta atender. Ia despachar quem quer que fosse e voltar para terminar minha sessão de prazer.

Pelo olho mágico vejo que é o Joãozinho. Claro, só ele saberia que eu estaria sozinha naquele final de semana. Abri a contragosto pronta para mandá-lo embora o quanto antes.

- Oi linda. Tudo bem? Posso entrar?
- Ah?! Oi. tudo bem. Acho melhor não, estou sozinha.

Mas diferente das outras vezes que ele teria baixado a cabeça e voltado pelo mesmo caminho que veio, desta vez entrou assim mesmo.

Trazia em suas mãos um botão de rosa, um vinho tinto, e uma caixa de Ferrero Rocher. Não me restava outra alternativa a não ser fechar a porta enquanto trataria de pô-lo para fora dali.

- Como você linda. - exclamou. - Acho que é o mesmo vestidinho daquela vez que fui um idiota e me assustei com sua beleza. Lembro que saí correndo feito um ratinho com medo de ser devorado e não conseguir retribuir tanto amor.

Não tinha mais raiva dele, pois se não fosse aquele fatídico dia nunca teria conhecido Leôncio. Mas também não tinha mais aquele amor que achava sentir antes. Para mim era um amigo que tentava me flertar. Minha vontade era despachá-lo e voltar para minha siririca.

Mas antes mesmo que eu pudesse bolar um plano, Joãozinho largou seus agrados sobre a mesa e com dois passos a frente me abraçou e passou a me beijar. Primeiro um sentimento de repulsa e vontade de expulsá-lo pelo tamanho atrevimento. Mas em segundos a vontade de dar para ele passou a ser mais forte. O gatilho foi sua mão invadindo minha saia por baixo, encontrou minha pepequinha tente e úmida totalmente indefesa.

Em milésimos de segundo a repulsa se transformou em tesão. Meu corpo pedia para ser possuído. Ser comido. Ser penetrado. Lambido. Queria gozar loucamente com Leôncio me proporcionava.

Foi minha vez então de avançar. Meus beijos pareciam querer arrancar sua língua e guiá-la até minha pepequinha. Em segundos arranquei sua camisa, calça, cueca e tudo. E ele lentamente despiu meu vestido.

Me ajoelhei em sua frente e me servi com seu pau ereto e bem lisinho. Nem de longe se parecia com o do meu Leôncio, mas era o que tinha para hoje e quem sabe seria o que teria de agora em diante. Mal comecei a chupá-lo como um sorvete, ele me tratou de me afastar.

Pensei comigo “se ele sair correndo de novo nunca mais falo com ele”.

Mas para meu alívio ele me fez deitar sobre o sofá com as pernas bem abertas e veio até mim.

Seus beijos e suas chupadas eram gostosas e macias. Mas nem de longe me faziam sentir aquele arrepio na espinha que a boca do Leôncio causava. Seus dedos mal tocavam minha pele.

Mesmo com quilômetros de distância entre uma pegada e outra, pois agora era inevitável compará-las com as do meu peão, eu estava totalmente entregue. Meu tesão recolhido era tamanho que precisava gozar fosse como fosse.

Para meu desespero quando estava quase chegando lá, Joãozinho parou e me deixou lá largada no sofá. Foi até sua roupa pegar o preservativo e com uma paciência sem tamanho, a vestiu em seu membro rijo e latejante.

Foi inevitável esfriar. Me frustrar. Pelo menos ia ser penetrada em quem sabe agora recompensaria o atraso.

Que nada, mal deu tempo para começar a esquentar novamente senti a camisinha encher e ele parar de bombar na mesma hora. Mais uma vez fiquei desolada e com uma transa incompleta.

Certamente além do despreparo a ansiedade devem ter contribuído para que ele fosse assim rapidinho. Mas eu não podia ficar assim daquele jeito.

Disfarçadamente pedi licença para tomar um banho. Ele quis me acompanhar mas não deixei. Banho que nada, eu precisava mesmo era terminar e gozar. E foi o que fiz. De baixo do chuveiro me toquei com tanta violência que devo ter gemido alto durante o gozo. Mas naquela hora não me importava mais.

Ao sair do banho enrolada na toalha, encontrei ele só de cueca com duas taças de vinho na mão. Eu esperava mesmo que ele tivesse ido embora. Tava na cara que ele queria mais.

Resolvi então dar uma segunda, ou terceira chance. Mas não seria assim de qualquer jeito. Afinal, eu tinha acabado de me aliviar.

Pedi licença e voltei a colocar meu vestido, só que agora com uma calcinha de algodão bem larga e broxante. E solicitei que ele vestisse pelo menos sua calça. Se fosse para rolar mais uma vez naquela noite ele precisaria “me conquistar”.

Pedimos uma pizza, abrimos o vinho, e ficamos jogando conversa fora enquanto comíamos. Depois ligamos o netflix e ele propositalmente selecionou o filme 365 dias. Depois de uma garrafa de vinho e cenas excitantes na TV, não levou muito tempo até que estivéssemos pelados novamente. Mesmo contra minha vontade racional.

E tudo se repetiu novamente. Umas chupadas sem graça. Dedos que não sabiam participar da transa. Meio século para colocar o preservativo. E meio minuto até gozar.

A única diferença é que desta vez ele tentou comer minha bundinha virgem. E olha que pelo tesão e quantidade de vinho, até teria conseguido se tivesse feito tudo certo. Mas não passou da vontade.

Depois disso, tratei de enxotá-lo da minha casa. Ele fez de tudo para ficar e insistiu para passar a noite comigo, mas se era para ficar chupando dedo, que ficasse com meus dedos.

Sozinha em casa mais uma vez, frustrada pela segunda vez com Joãozinho e ainda louca de tesão e agora animada pelo vinho, e excitada pelo filme, fui obrigada a me masturbar mais uma, duas, três vezes até conseguir dormir.

No sábado levantei só depois do meio-dia. Comi o resto da pizza da noite anterior e lembrei que havia marcado com a Valéria, uma colega do trabalho, para ir até o shopping.

Por não me dar conta do horário, só percebi que estava atrasada quando escutei uma buzina em frente de casa. Mal deu tempo de passar uma chuvarada no corpo. Me aliviar como de costume? Nem pensar.

Sai de casa mais uma vez com aquela sensação de frustração. Parecia que algo estava errado. Sei lá. Mesmo sendo uma transa muito mequetrefe, parecia que eu tinha traído meu peão. Mas também pudera, vai saber o que ele estava fazendo nestas últimas três semanas que não entrou em contato.

Ao mesmo tempo sentia aquela vontade e necessidade louca de ser dominada. De ser possuída com vontade e gozar loucamente. Meus dedos, brinquedinhos, e muito menos Joãozinho estavam dando conta.

Todos meus anos de autocrítica da minha sexualidade estavam cobrando seu preço tudo de uma só vez. E essa sensação de vazio estava me deixando louca.

Com este misto de vazio e ansiedade entrei no carro da Valéria em direção ao shopping. Até então não tinha reparado naquela morena que era minha colega de trabalho. Só tinha visto ela de camisa e calça social, o uniforme da empresa. Mas agora vestindo uma saia curta e uma camiseta folgada sem sutiã que era marcada pelo biquinho dos seus seios, percebi o quando era linda.

Acho que realmente estava ficando louca. Nunca tinha me passado pela cabeça e muito menos ficado com o meio das pernas formigando e úmido ao ver uma mulher gostosa.

Disfarçando da forma que foi possível, fiz um elogio a sua beleza e perfume, e fomos às compras.

A tarde passou rápido e quando me dei conta cada uma de nós carregava várias sacolas. Saias, blusinhas e sandálias. E claro, vários acessórios para realçar nossas belezas.

Já cansada de tantas compras e louca para ir para casa, pois ver aquela morena gostosa rebolando e provando seus looks, muitas vezes comigo junto no provador, estava deixando minha pequinha muito molhada. Precisava me aliviar.

- Já comprou tudo que precisava? - Valeria indagou
- Já sim. Na verdade já comprei tudo que não precisava. - soltei uma gargalhada
- Vamos então?
- Por mim vamos embora sim. To de boa.
- Pra casa não. Passar na última loja comprar uma peça especial que estou precisando.

- Então tá. Vamos.

Eu estava de carona mesmo, não tinha escolha.

Mais algumas passadas e paramos em frente a uma loja de lingerie chiquérrima que nunca tive coragem de entrar. Uma pela exuberância das peças, e outra pelo valor cobrado por elas.

- Vem, me ajuda a escolher uma peça especial - Valéria me puxou para dentro
- Ok!

Foi só o que consegui responder enquanto era puxada violentamente para dentro da loja.

Pelo visto, Valéria era uma cliente assídua, pois a vendedora toda cordial chegou cumprimentando-a pelo nome e ofereceu uma taça de espumante para cada uma de nós.

Uma peça mais linda que a outra. Todas com muitas rendas e telinhas transparentes. Uma garota que tivesse usando aquelas peças certamente teria uma noite e tanto com seu boy. Bem que lembrando do meu Leôncio ele nunca ligou para lingerie. Na verdade ele mais do que depressa se livrava delas.

De forma decidida Valéria foi escolhendo várias peças. Pensei comigo, será que ela vai comprar todas elas? Sim, comprou, mas isso não é o que importa na história.

Eu bem que queria algumas peças também, mas não tive coragem, ou menor, não tinha grana nem para uma calcinha básica da loja.

Com nossas sacolas das compras anteriores depositadas em um canto da loja de forma segura, após escolher os vários conjuntos de lingerie fomos ao provador. Provar calcinha? Sim, alí podia já que seriam compradas mesmo.

O provador ficava ao fundo da loja, de forma bem discreta e podemos dizer que até escondido e era fechado com porta à chave mesmo, não só uma cortininha.

Encabulada fiquei do lado de fora enquanto minha companheira supostamente provava suas novas peças íntimas. Mas em poucos minutos a porta se entreabre e sou chamada para dentro do provador para “ver como ficou a peça provada”.

Foi só entrar no provador que meu queixo literalmente caiu. Encontrei ela com uma calcinha vermelha de renda, tipo fio dental, mais nada. Seus seios redondinhos e com os mamilos empinados estavam descobertos. E a calcinha, mal cobria a parte da frente da sua pepequinha. Ou melhor, só cobria mesmo, pois a renda transparente revelava toda sua pepequinha lisinha.

Disfarcei o máximo que pude. Nunca tinha pensado em ficar com outra mulher antes, mas naquele momento o meu tesão era tanto que parecia a coisa certa a se fazer. Reunindo todas as minhas forças consegui me controlar. Pelo menos no primeiro instante.



- Nina, o que achou desta calcinha?
- Linda. Maravilhosa.
- Prova essa então. - Valéria me passou uma peça parecida, só que preta.
- Acho que não me sentiria bem com ela. - tentei disfarçar. Uma proque não tinha dinheiro para pagar, outra porque estava com vergonha de provar na frente dela.
- Deixa disso. Eu te ajudo.

Gelei. Não. Paralisei, no momento em que seus dedos tocaram minhas coxas e ergueram a saia do meu vestido revelando minha calcinha de algodão. Perdendo totalmente minhas forças para reagir simplesmente fechei os olhos quando minha calcinha começou a deslizar e parou no meu tornozelo.

Totalmente congelada tenho certeza que denunciei minha excitação pela respiração ofegante e falta de ação. Pois em segundos senti aquele bafo quente se aproximando da minha pepequinha e instantes depois, meu clitóris ser tocado com a ponta da sua língua.

Até hoje não consigo lembrar se gemi baixinho ou alto, só sei que foram segundos ou minutos, sei lá, que me levaram novamente às nuvens.

Depois que sua língua tocou sobre a pontinha do meu clitóris e percebeu que minha pepequinha babava de tesão, sua língua habilmente começou a percorrer todos grandes e pequenos lábios. Mas não sem que seu dedos também fizessem sua parte.

A única coisa que consegui fazer foi encostar minha bunda sobre um balcão no provador, abrir bem as pernas, e segurar meu corpo com as mãos para não desmaiar.

Na mesma intensidade que era lambida de uma forma incrível, que nem Leôncio e muito menos Joãozinho já tinham feito, senti seu dedo médio entrar e tocar meu ponto G. E antes mesmo de poder entender as novas sensações de prazer, Valéria introduziu seu dedo anelar no meu cuzinho virgem ao mesmo tempo.

Não sei explicar o que aconteceu. Minha racionalidade mandava protestar. Sair correndo. Acabar com essa pouca vergonha. Mas meu corpo mandava eu me entregar ainda mais. Ceder. E foi a vontade de gozar loucamente que acabou prevalecendo e impedindo qualquer tentativa de fuga.

Seu dedo indicador movimentando intensamente dentro da minha pepequinha. O Anelar me comendo por trás. E sua boca e língua sorvendo todos meus sucos do prazer.

Como disse acima, não sei quanto tempo se passou e nem o quais foram as minhas reações. Só lembro depois disso tudo de estar sentada no chão do provador com a Valéria me acordando com uns beijinhos na boca.

- Oi linda. Tudo bem?
- Ah? Sim. Acho que sim - eu ainda estava perdida.
- Acho que essa larissinha está precisando de um agrado. Vamos sair daqui, já escolhi todas as peças.
- Claro. Mas....

Me calou com mais um beijo ardente na boca, me ajudou a levantar e voltou a vestir minha calcinha que ainda prendia minhas pernas.

Saímos do provador e Valéria foi direto ao caixa.

- Oi baby, essas peças ficaram maravilhosas. Vou levar todas.
- Eu sabia que gostaria.

Completamente envergonhada tentava esconder meu rosto. O que será que a vendedora ouviu? Será que ela tinha ouvido algo? E quem é essa larissinha que a Val estava se referindo? Será que ela confundiu meu nome?

Sem trocarmos uma palavra sequer, fomos ao estacionamento e de lá para sua casa. Quis protestar, mas não o fiz. Não sabia se devia fazê-lo ou não.

Mal entramos no seu apartamento e trancamos a porta, fui agarrada com tanta vontade que mais uma vez fiquei sem forças para reagir.

Tirou meu vestido e arrancou minha calcinha me deixando nua prensada contra a parede. Mais dois passos me empurrou e me fez deitar de costas sobre o sofá enorme da sala, ao mesmo tempo que abria bem minhas pernas.

- Vem cá, essa larissinha está precisando de um trato.

Agora entendi que ela estava se referindo a minha pequinha. Mais uma vez cedi.

Mais uma vez com seus dedos, boca, língua e com um vibrador de látex, me comeu de todos os jeitos possíveis. Até tentei retribuir, mas não tive espaço para isso, pois a Val assumiu o papel de dominadora e fez o que quis comigo.

Seus beijos e suas chupadas eram deliciosas. Superaram em muito as que o Joãozinho tentou fazer na última noite. Eram diferentes e me deixavam louca. Mas não conseguia comparar com a pegada do meu peão Leôncio.

Se pudesse escolher, eu ficaria com as duas. E quem sabe até ao mesmo tempo.

Transamos sábado à noite, madrugada, domingo pela manhã e à tarde. Dormimos agarradinhas e nuas. Todas as três semanas de tesão recolhido foram saciadas. Estava aliviada mais uma vez. Mas era inevitável pensar no meu peão. faltava alguma coisa.

## Reviravolta

De volta em casa no domingo à noite, não precisei me aliviar naquela noite. Estava completa.

Segunda feira começou como outro dia qualquer. Acordar, bater uma siririca, tomar banho e ir para o trabalho. Mas foi na hora do almoço que me dei conta de uma coisa que estava passando despercebido.

Sentadas em uma mesa mais afastada, Eu, Raquel e Rita, sem querer começamos a falar de sexo. Na verdade, Rita começou.

- Que saudade da época que era solteira como você Nina.
- Porque? - indaguei.
- Porque? Você pergunta? Vai descobrir depois de casada.
- Descobrir o que? - realmente estava meio fora ainda lembrando do final de semana com a Val.
- Você está louca para dormir, - Rita continuou - menstruada, e chega o maridão querendo namorar. Força tanto que você é obrigada a ir dar debaixo do chuveiro para não ter que liberar o toba para ele.
- Ah? Liberar o que? - não consegui identificar, mas ela havia falado algo que me deixou preocupada. Só não tinha conseguido identificar o que.
- O toba, a bunda, o cú.
- Você não gosta de dar a bunda? - Raquel entrou na conversa questionando Rita.
- Até gosto sim, mas tem que ter o momento certo.
- E você Nina. Já deu?
- Ah? Quem, eu? Ah não.
- Eu recomendo. Se fizer do jeito certo você vai querer dar sempre.

Paramos de uma vez essa conversa pois nosso colega Ricardo se aproximava da mesa.

- Oi meninas. Posso me sentar com vocês? - pode sim, respondemos em uníssono. E a conversa parou por ali mesmo.

Menstruada. Essa foi a palavra que me deixou abalada. Mas porque? Ah, puta merda. Lembrei. Desde que voltei da fazenda nunca mais fiquei menstruada. E por coincidência ou não, ao olhar novamente para o prato de comida surgiu uma ânsia tão forte que tive que correr para o banheiro vomitar.

Não prestei mais a tarde toda. Enjoo. Dor de cabeça. E um sentimento de vazio enorme.

No final do expediente a Valéria se ofereceu para me dar uma carona e passarmos “rapidinho” na casa dela. Mas não tinha mais clima para isso. Pensar na possibilidade de estar grávida me deixava angustiada e sem saber o que fazer.

Se pelo menos Leôncio tivesse respondido a minha carta poderia entrar em contato com ele. Mas nada. Nenhuma resposta até então. Será que vovó deu o bilhete para ele? Talvez não. Essa era outra possibilidade.

Totalmente angustiada antes de chegar em casa passei na farmácia mais distante possível, a fim de ninguém me reconhecer, e comprei um teste rápido.

Da farmácia até em casa parece que foi uma eternidade. O tempo não passava. O ônibus não andava. Parava em todos os pontos possível e até onde não existia.

Enfim, ao chegar em casa, corri para o banheiro sem falar com ninguém nem mesmo dar ouvido a minha mãe que queria falar comigo. Precisava fazer aquele teste o mais rápido possível. E na hora quem disse que conseguia fazer xixi? O nervosismo era tamanho que até a vontade passou. E olha que não estava me aguentando no caminho.

Depois de um tempo me acalmando consegui fazer o teste rápido. E sem nenhuma surpresa deu positivo. Estava grávida. E agora? O que eu iria fazer?

Meu mundo desabou de um jeito e não conseguia mais pensar em nada. O que meus pais iriam falar? E a vovó que pediu para eu ter cuidado? Meu mundo tinha acabado.

Tomei um banho e na medida do possível tentei disfarçar e fui até a cozinha.

- Oi filhinha. Tudo bem? Que cara é essa?
- Está tudo bem mamãe. Só uma indisposição hoje a tarde. Mas já está passando.
- Tem certeza? Isso não teria alguma relação com aquele peão da fazenda da vovó?

Levei um tamanho susto que meu estômago parou na garganta.

- Como? Quem? - como ela poderia saber se eu não contei nada? Será que vovó falou alguma coisa?
- Leôncio é o nome dele, é isso né?
- Sim. Mas, como a senhora sabe?
- Eu sei o que?
- O nome dele?
- Ah, sim. Isso. É que hoje no final da tarde ele bateu aqui em casa à sua procura.
- Que?! - não sei se berrei ou faltou voz.
- E que homão ein? Ele parecia bem interessado em você minha filha.
- Do que a senhora está falando?
- Vovó falou que é um moço bem trabalhador.
- Sim. Mas a vovó também está aqui?
- Não, não. Eu liguei para ela.
- Ah.?!

Embasbacada e sem nenhuma reação, parece que eu era um livro aberto e mamãe estava lendo meu pensamento.

- Sabe minha filha, parece que a história está se repetindo.
- Que história?
- Da sua avó.
- Mas que história é essa que a senhora está falando?

- Seu avô também era um peão da fazenda. O melhor e mais galanteador daquelas bandas. E quando ele e a vovó Juliana se conheceram, foi amor a primeira vista. E em nove meses euzinha aqui estava vindo ao mundo.
- Quer dizer que vovô também era um peão e vovó ficou com ele?
- Sim. Ela abandonou a cidade grande no mesmo dia que descobriu que estava grávida e foi morar com ele lá na fazenda. Naquela mesma casa que seus pais moravam. E está lá esperando um filho ou neto para ocupar seu lugar na administração
- Não sei porque a senhora está me falando isso agora.
- Minha filha. Não nascemos ontem. Vocês jovens acham que conseguem dar suas escapulidas e ninguém vai ficar sabendo. Mas se esquecem que nós também já fizemos isso algum dia.

Branca feito vela e parada feito estátua, só ouvia e mal conseguia argumentar nem mesmo saber o que falar.

Depois de alguns instantes de completo silêncio, resolvi que a melhor coisa era abrir o jogo. Falar a verdade e arcar com as consequências.

- Mamãe. - falei tremendo
- O que minha filha.
- Eu.....

Fui interrompida pela campainha que tocava naquele instante.

Ao abrir encontrei meu peão Leôncio parado com um bouquet de rosas vermelhas e sem pedir permissão, tacou um beijo que não pude resistir mesmo estando em frente da minha mãe.

- Eu sabia. Mãe e avó não se enganam. - mamãe falou - vou deixá-los e vou pra cozinha terminar de preparar a janta.

<< continua no próximo volume ... >>